

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

O papel das atitudes, do compromisso e das emoções nos maus tratos animais

João Pedro Riço Varela

Mestrado em Psicologia Social e das Organizações

Orientador:

Professor Doutor Diniz Lopes, Professor Associado com Agregação, ISCTE

Co-Orientador:

Professor David L. Rodrigues, Professor Auxiliar Convidado, ISCTE

Outubro, 2021



CIÊNCIAS SOCIAIS
E HUMANAS

O papel das atitudes, do compromisso e das emoções nos maus tratos animais

João Pedro Riço Varela

Mestrado em Psicologia Social e das Organizações

Orientador:

Professor Doutor Diniz Lopes, Professor associado com agregação, ISCTE

Co-Orientador:

Professor David L. Rodrigues, Professor Auxiliar Convidado, ISCTE

Outubro, 2021

Agradecimentos

Quero desde já agradecer ao Professor e Orientador da minha dissertação de mestrado, o professor Diniz Lopes, pela partilha de conhecimento e excelente acompanhamento e orientação, assim como todo o suporte que me deu ao longo de todos estes meses. Foi sem dúvida, a melhor escolha que podia ter feito para me orientar nesta última fase do meu percurso académico!

De seguida, quero agradecer aos meus pais, irmão e namorado, por todas as horas de chamadas telefónicas em que desabafava sobre tudo aquilo que vem associado à realização de uma dissertação de mestrado. Agradeço por me terem ensinado tudo aquilo que sei hoje e por terem inculcado em mim bons valores, por me terem ensinado que temos que relativizar tudo aquilo que vivemos, para podermos dar valor as coisas boas que acontecem à nossa volta. Por me meterem na cabeça que tudo o que passamos serve como aprendizagem e que nada é em vão. Nada disto teria sido possível sem o vosso apoio e amor constante!

Resumo

Atualmente, os animais de companhia são seres vivos que muitas das vezes ainda são alvos de diversos abusos e maus tratos. Porém, na maioria das vezes, a maior parte deles desempenha um papel muitas vezes preponderante na vida dos seus donos e das pessoas que contactam com eles. Desta forma, o objetivo deste estudo foi perceber de que modo é que atitudes gerais face aos animais de companhia, quando mediadas pelo compromisso e quando moderadas pelas emoções gerais, ou seja, pelas emoções primárias e secundárias, estariam associadas aos maus tratos dos mesmos. Os dados foram recolhidos através de um questionário *online* na plataforma *Qualtrics*, e foram depois divulgados através de diversas redes sociais. Após algum tempo, através de um método de amostragem não probabilístico e por conveniência obtivemos uma amostra composta por 1301 participantes, sendo que 959 eram mulheres, e tinham idades compreendidas entre os 18 e os 85 anos ($M = 28.39$; $SD = 12.75$). Depois de recolhida a amostra, através da análise de dados e de acordo com os resultados foi possível inferir, tal como era expectável, que indivíduos com atitudes gerais mais negativas face aos seus animais de companhia sentem-se menos comprometidos com os mesmos, atribuindo menos emoções gerais aos mesmos e manifestando assim um maior número de comportamentos ligados aos maus tratos com os seus animais de companhia.

Palavras-Chave: Animais de Companhia; Atitudes face aos animais de companhia; Compromisso; Emoções Gerais; Maus Tratos

Códigos de Classificação da APA:

2100 General Psychology

3000 Social Psychology

3020 Group & Interpersonal Processes

Abstract

Currently, companion animals are living beings that are often still subject to various abuses and mistreatment. However, most of the time, most of them often play a preponderant role in the lives of their owners and the people who come into contact with them. Thus, the purpose of this study was to understand how general attitudes towards companion animals, when mediated by commitment and when moderated by general emotions, that is, by primary and secondary emotions, would be associated with their mistreatment. Data were collected through an online questionnaire on Qualtrics platform, and were then disseminated through various social networks. After some time, using a convenience and non-probabilistic sampling method, we obtained a sample of 1301 participants, 959 of whom were women and aged between 18 and 85 years ($M = 28.39$; $SD = 12.75$). After collecting the sample, through data analysis and according to the results, it was possible to infer, as expected, that individuals with more negative general attitudes towards their companion animals feel less committed to them, attributing less general emotions to them and thus manifesting a greater number of behaviors linked to mistreatment of their companion animals.

Keywords: Company Animals; Attitudes towards companion animals; Commitment; General Emotions; Mistreatment

Classification Codes of APA

2100 General Psychology

3000 Social Psychology

3020 Group & Interpersonal Processes

Índice

Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	v
Abstract	vii
Índice.....	ix
Introdução	11
Capítulo 1 – Enquadramento Teórico	13
Mau Trato de Animais de Companhia.....	13
Atitudes Gerais face aos Animais de Companhia.....	14
Compromisso no Relacionamento Humano-Animal de Companhia.....	15
Antropomorfismo como Fenómeno Presente na Relação Humano-Animal de Companhia	18
Objetivo do Estudo	19
Capítulo 2 – Método	23
Participantes.....	23
Instrumentos	24
Escala de Atitudes face a Animais de Companhia	24
Escala do Modelo de Investimento da <i>Rusbult</i>	25
Escala de Emoções Gerais face aos Animais de Companhia	25
Escala de Mau Trato contra Animais e Questionário de Levantamento de Atitudes em relação ao Tratamento de Animais.....	26
Procedimento	27
Capítulo 3 - Resultados	29
Estatísticas Descritivas	29
Análises Fatoriais Exploratórias e Consistência Interna dos Instrumentos.....	32
Correlações Gerais.....	35
Mediação Condicionada	38
Capítulo 4 – Discussão.....	43
Limitações e Estudos Futuros.....	46
Implicações Gerais.....	48

Conclusão	51
Referências	53
Anexos.....	61
Anexo A – Consentimento Informado.....	62
Anexo B – Itens Escala de Atitudes face a Animais de Companhia	63
Anexo C – Itens Escala do Modelo de Investimento da <i>Rusbult</i>	64
Anexo D – Itens Escala de Emoções Gerais face aos Animais de Companhia.....	66
Anexo E – Itens Escala de Mau Trato contra Animais + Questionário de Levantamento de Atitudes em relação ao Tratamento de Animais.....	67
Anexo F – Output SPSS Mediação Condicionada	68

Índice de Quadros e Figuras

Quadro 1 - Informação Sociodemográfica.....	23
Quadro 2 - Análises Descritivas da Escala do Modelo de Investimento da <i>Rusbult</i>	29
Quadro 3 - Análises Descritivas da Escala de Emoções Gerais face aos Animais de Companhia.....	30
Quadro 4 - Análises Descritivas da Escala de Mau Trato contra Animais e do Questionário de Levantamento de Atitudes em relação ao Tratamento de Animais.....	31
Quadro 5 - Análises Fatoriais Exploratórias da Escala do Modelo de Investimento da <i>Rusbult</i>	33
Quadro 6 - Análises Fatoriais Exploratórias da Escala de Emoções Gerais face aos Animais de Companhia.....	34
Quadro 7 - Análises Fatoriais Exploratórias da Escala de Mau Trato contra Animais e do Questionário de Levantamento de Atitudes em relação ao Tratamento de Animais.....	35
Quadro 8 - Correlações Gerais.....	36
Quadro 9 - Mediação Condicionada.....	38
Figura 1 - Interação Atitudes × Emoções Gerais sobre Mau Trato.....	40
Figura 2 - Interação Compromisso × Emoções Gerais sobre Mau Trato.....	41

Introdução

Em Portugal, no início do ano de 2020, de acordo com alguns dados publicados por Rodrigues (2020), existiam cerca de 6,7 milhões de animais, havendo mais de 2,2 milhões de cães (33%), mais de 1,5 milhões de gatos (23%) e cerca de 800 mil peixes (12%). Em menor percentagem estariam os pássaros ou outro animais de companhia “menos comuns” tais como coelhos, tartarugas, hámsteres ou até iguanas e cobras. Estes dados mostram, também, que mais de metade das famílias portuguesas (54%) tinham animais em casa.

Segundo Barba (1991), os animais de companhia são animais que foram domesticados e que necessitam de cuidados por parte dos seres humanos. Desta forma, criam-se e estabelecem-se relacionamentos significativos entre o animal de companhia e o dono ou mesmo a família que o acolheu, vivendo, trabalhando e brincando diariamente entre eles (Zimolag & Krupa, 2009). A “domesticação” é um processo que tem sido definido de formas distintas por diferentes autores, embora todos concordem universalmente que é um procedimento cultural e biológico (Clutton-Brock, 1992). Este “método” teve início quando os animais começaram a ser incorporados na estrutura social de uma comunidade humana, tornando-se objetos de propriedade, herança, compra e troca, e teve a sua conclusão quando essa população de animais foi permanentemente isolada das outras espécies selvagens, sendo assim o ser humano responsável pela sua criação, organização do território e fornecimento de alimentos (Clutton-Brock, 1992).

Contudo, por um lado, apesar da domesticação de diversos animais ter sido um processo que nos permitiu enquadrar diversos seres vivos nas nossas culturas de uma forma positiva, por outro lado, o mau-trato e o abuso de animais de companhia é ainda visto como um fenómeno recorrente e universal, e um problema considerável na interação entre seres humanos e animais de companhia (Felthous & Kellert, 1985).

De acordo com Serpell (2004), a um nível individual, atitudes negativas que os seres humanos têm face aos seus animais de companhia estão associadas a piores comportamentos humanos em relação a eles e vice-versa, o que poderá conduzir, conseqüentemente, aos maus-tratos destes. Por outro lado, surge o compromisso e o antropomorfismo, duas das variáveis que também irão ser enquadradas neste estudo. A primeira é definida, sucintamente, como a resolução de manter um animal de companhia, apesar dos desafios que exigem dispêndio de recursos pessoais, tais como tempo ou dinheiro (Staats et al., 1996). Já a segunda está ligada à

tendência humana aparentemente universal de atribuir características humanas a entidades não humanas (Messent & Serpell, 1981, p. 11).

Deste modo, através de diversos estudos é bem notável que ainda há uma inúmera quantidade de animais de companhia que não são bem tratados pelos seus donos, e uma das provas visíveis é a imensa quantidade de animais abandonados e, conseqüentemente, a sobrelotação das diversas associações de proteção de animais ao longo do país (Jacobetty et al., 2020). De acordo com Ferreira (2019), os centros de recolha oficial de animais de companhia estão sobrelotados e existe a falta de capacidade por parte dos serviços municipais para atender aos pedidos de recolha de animais de rua.

Em suma, neste estudo iremos analisar de que modo é que as atitudes gerais face aos animais de companhia, de uma forma direta, estão associadas aos maus tratos dos mesmos, e de que maneira é que as atitudes gerais face aos animais de companhia, de uma forma indireta, quando mediadas pelo compromisso e quando moderadas pelo antropomorfismo, estão associadas aos maus tratos destes.

Capítulo 1 – Enquadramento Teórico

Mau Trato de Animais de Companhia

A *National Society for the Prevention of Cruelty to Children* (NSPCC, 2003) descreveu o abuso de animais como “o dano intencional de um animal”. Esta descrição inclui, mas não se limita a: negligência intencional, infligir ferimentos, dor ou angústia, ou matar animais de forma maldosa. À luz de pesquisas recentes, a organização definiu três categorias para o abuso de animais: abuso físico, abuso sexual e negligência. O abuso físico inclui pontapés, socos, arremessos, queimaduras, asfixia e administração de drogas ou venenos (NSPCC, 2003). O abuso sexual envolve o uso de um animal para gratificação sexual (NSPCC, 2003). Por último, a negligência está relacionada com a falha em fornecer comida, água, abrigo, companhia ou atenção veterinária (NSPCC, 2003).

Um outro conceito muito comum quando se aborda o tema dos abusos em animais de companhia, e que se encontra ligado ao abuso sexual, é a bestialidade, sendo que esta também abrange as relações sexuais entre humanos e animais (Beetz & Podberscek, 2005). De um outro modo, e diretamente relacionado com os termos anteriores, encontra-se a zoofilia, que além de ter como tópico principal a relação sexual entre humanos e animais, acrescenta ainda o sentimento de amor e de atração sexual por animais (Beetz & Podberscek, 2005).

Por outro lado, e de acordo com diferentes autores, o abuso de um animal de companhia é definido como sendo um ato intencional, malicioso ou irresponsável, podendo também ser uma ação não intencional ou ignorante, e que se explica através da infligência de dor fisiológica e/ou psicológica, levando assim ao sofrimento, privação e morte de um animal de companhia por humanos (Vermeulen & Odendaal, 1993). O abuso é, portanto, independente da intenção humana ou ignorância, e tem em conta normas socialmente sancionadas ou socialmente rejeitadas, podendo recair tanto em incidentes únicos como em incidentes repetidos (Goetz, 1987; Felthous & Kellert, 1985, 1987).

O abuso de animais de companhia inclui elementos pessoais, culturais, ambientais e sociais (Vermeulen & Odendaal, 1993). Deste modo, por causa da influência desses fatores, bem como pelo facto de que o abuso ocorre num contínuo de ações menos graves a muito graves, que podem ser intencionais ou não intencionais, o abuso de animais de companhia é um fenómeno complexo de lidar. Assim, esta pode ser a principal razão pela qual raramente existe uma punição eficaz para o agressor (Vermeulen & Odendaal, 1993).

A prevenção de abusos deve basear-se no conhecimento profundo das necessidades dos animais de companhia aplicadas ao manuseamento, transporte, treino, reprodução, comportamento, alimentação, manutenção e cuidado, juntamente com a criação de uma consciência da necessidade de agir sobre o abuso e de relatar isto (Vermeulen & Odendaal, 1993). Deve-se adotar uma abordagem que tenha em consideração a interação humano-animal no que diz respeito à predisposição e desencadeamento de fatores humanos e ambientais. A ação preventiva do abuso de animais de companhia deve, portanto, ser focada na educação sobre as necessidades básicas e cuidados com os animais de companhia num ambiente humano (Vermeulen & Odendaal, 1993).

Sendo a variável consequente deste estudo, os maus tratos de animais de companhia sempre estiveram diretamente relacionados com o abuso ou a negligência no seu global, não havendo uma definição clara para esse conceito. No entanto, até ao momento, alguns estudos usaram diversas operacionalizações de maus tratos face a animais de companhia: alguns apenas mediram o abuso físico de animais; outros incluíram ameaças contra animais de companhia; outros incluíram a própria negligência, no geral (Barrett et al., 2017). Desta maneira, de um modo geral, os maus tratos de animais de companhia ocorrem quando uma pessoa priva um animal de comida, água, abrigo ou cuidados veterinários (Gerdin & McDonough, 2013), causando assim propositadamente o seu sofrimento e, posteriormente, a sua morte.

Segundo tudo o que foi explanado acima, um dos objetivos principais deste estudo será o de analisar a associação entre atitudes face aos animais de companhia e os posicionamentos dos indivíduos face aos maus tratos destes, e perceber qual será o impacto da primeira variável nos maus tratos de animais de companhia.

Atitudes Gerais face aos Animais de Companhia

Além do antropomorfismo (Serpell, 2003), do nível de vinculação (Marinelli et al., 2007) e da crença na mente animal (Davis & Cheeke, 1998), os dois fatores mais importantes que influenciam as relações humano-animal são as atitudes gerais que os indivíduos manifestam face aos seus animais e o nível de empatia humana para com os mesmos (Ellingsen et al., 2010).

Focando apenas nas atitudes gerais que é uma das variáveis deste estudo, de um modo global, estas são definidas como sendo avaliações pré-existentes que orientam determinadas respostas ou interações em direção a certos animais de companhia, por exemplo, como é o caso, neste estudo. Desta maneira, certas atitudes ajudam-nos a dar sentido à nossa vida quotidiana,

precedendo o comportamento e orientando as nossas escolhas e decisões (Eagly & Chaiken, 1993).

Assim, as atitudes gerais que os indivíduos manifestam face aos seus animais de companhia podem variar desde estéticas a utilitárias. Porém, uma dimensão muito importante a ter em conta é a dimensão humanística, vertente essa em que os animais de companhia são vistos pelas pessoas como seres pelos quais temos um grande afeto (Kellert, 1985). Deste modo, os indivíduos podem fazer com o animal de companhia muitas das atividades que são realizadas também com “amigos humanos”: conversar, comer, cuidar da aparência, caminhar, relaxar e dormir (Veevers, 1985).

Num estudo realizado por Schenk et al. (1994), ao utilizarem a Escala de Atitudes de Animais de Companhia desenvolvida por Templer et al. (1981) em diversas famílias que possuíam animais de companhia, descobriram através desse instrumento que as atitudes que os adolescentes manifestavam face aos animais de companhia são vistas como consistentes com a transmissão familiar das atitudes demonstradas por parte dos seus pais face a esses mesmos animais. Deste modo, se os pais manifestassem atitudes mais humanísticas e positivas com os seus animais de companhia, os seus filhos, ao observarem esse comportamento por parte deles, tenderiam a demonstrar também atitudes mais humanísticas e positivas face aos seus animais (Schenk et al., 1994).

Sendo a literatura existente em torno deste conceito bastante escassa, a partir deste estudo é possível inferir que a grande quantidade de atitudes gerais positivas demonstradas por parte dos indivíduos face aos seus animais de companhia, quando aliadas aos fatores que foram enunciados inicialmente, destacando o antropomorfismo e o nível de vinculação, a manifestação de maus tratos para com os animais tenderia a ser muito baixa ou mesmo inexistente.

Em suma, um dos objetivos essenciais deste estudo será entender de que modo é o compromisso, que está ligado ao nível de vinculação anteriormente falado, e o antropomorfismo, irão afetar a associação existente entre as atitudes gerais face aos animais de companhia e o mau trato dos mesmos.

Compromisso no Relacionamento Humano-Animal de Companhia

O compromisso, uma das variáveis deste estudo, é definido como sendo um fenómeno psicológico que se refere à preocupação de uma pessoa com o futuro e com a estabilidade de

um relacionamento específico, juntamente com o desejo de que esse relacionamento continue (Baker et. al, 2016).

Contudo, para que esse tal compromisso se mantenha estável, e para que o relacionamento perdure ao longo do tempo é crucial a manifestação de “comportamentos pró relação”. Estes comportamentos são ações que uma pessoa pode realizar para manter a qualidade e o prazer do relacionamento para ambas as partes, aumentando assim a probabilidade de que o relacionamento dure. Alguns exemplos de comportamentos pró relação, tais como o perdão, a acomodação e o sacrifício, também podem ser aplicados na relação humano-animal de companhia (Baker et. al, 2016).

É essencialmente com base no compromisso que se forma o Modelo de Investimento da *Rusbult*, afirmando que os indivíduos devem sentir-se mais comprometidos com um relacionamento quando obtêm mais satisfação, acreditando que têm poucas alternativas desejáveis e que têm investido muito na relação (Rusbult & Farrell, 1983; Rusbult et al., 1998).

A satisfação, o primeiro componente do Modelo de Investimento da *Rusbult*, é uma “função do nível de comparação e dos resultados relacionais atuais” (Le & Agnew, 2003, p. 38). O nível de comparação refere-se às experiências anteriores do indivíduo. Se o indivíduo acredita que o relacionamento atual oferece melhores resultados do que os relacionamentos anteriores comparáveis, então o relacionamento é satisfatório (Baker et. al, 2016).

Em segundo lugar, a qualidade das alternativas ao relacionamento atual também é uma característica essencial do Modelo. Entender que uma certa alternativa proporcionará resultados superiores ao relacionamento atual do indivíduo pode fazer com que o mesmo se distancie desse relacionamento e siga em direção à alternativa. Desta maneira, na ausência de outros fatores os indivíduos tendem a escolher parceiros que fornecem resultados superiores (Le & Agnew, 2003).

O terceiro componente que contribui para a estabilidade do relacionamento, o investimento, refere-se aos recursos concretos ou intangíveis que estão vinculados ao relacionamento e seriam perdidos se o relacionamento acabasse (Le & Agnew, 2003). Alguns exemplos de investimentos incluem tempo, esforço emocional ou dinheiro gasto com um animal de companhia.

Assim, o Modelo de Investimento da *Rusbult* propõe que a satisfação, as alternativas e os investimentos influenciem de maneira única o compromisso com o relacionamento (Baker et.

al, 2016). Desta forma, o estudo efetuado por Baker et al. (2016) teve como hipóteses: perceber se os três componentes do Modelo da *Rusbult* descritos acima seriam preditores significativos do compromisso com animais de companhia; e se o compromisso com esses animais preveria os comportamentos de pró relação que seriam desempenhados pelo ser humano (acomodação, sacrifício e perdão) para o bem estar do animal de companhia.

Segundo estes autores, os resultados obtidos demonstraram que: primeiramente, a satisfação, a qualidade das alternativas e o investimento preveem o compromisso com os animais de companhia de uma forma única e significativa. Em segundo lugar, o compromisso com os animais de companhia prevê a manifestação de comportamentos pró relação, ou seja, comportamentos que beneficiam as relações entre humanos e animais de companhia (Baker et al., 2016).

Em suma, o último aspeto destacado pelos autores, e que também é crucial no que corresponde à continuidade do relacionamento humano-animal ao longo do tempo prende-se com o facto de estas relações estarem inteiramente dependentes e sob o controle do indivíduo ou do dono do animal de companhia (Baker et al., 2016).

Por outro lado, noutros estudos, diversos autores também consideram a vinculação como um dos fatores fundamentais na relação humano-animal de companhia. A vinculação refere-se à capacidade que uma figura de afeto tem de fornecer uma base segura ou sensação de segurança quando o outro se sente ameaçado ou inseguro. Este é um conceito fundamental na psicologia do desenvolvimento e também foi aplicado às relações humano-animal (McNicholas et al., 2005; Podberscek et al., 2000). Apesar de os humanos atuarem como cuidadores e fornecerem uma base segura para atender à maioria das necessidades dos seus animais de companhia (abrigo, alimentação, saúde), a evidência empírica revela que os animais de companhia também podem servir como figuras de afeto para os seus donos (Amiot & Bastian, 2015).

De um outro ponto de vista, alguns autores acreditam até que o compromisso com os animais de companhia, assim como o afeto, está envolvido na formação de um vínculo humano-animal duradouro, e que ambos são importantes para questões de manutenção e aquisição de animais de companhia (Staats et al., 1996).

A forte vinculação ao animal de companhia também tem consequências para o animal e para a relação humano-animal: em amostras de adultos, maior vinculação ao animal foi associado a uma maior probabilidade de o animal ficar dentro de casa do que ao ar livre (Shore et al., 2006), menor probabilidade de abandonar o animal (Patronek et al., 1996), mais

preocupações com a sobrevivência dos animais (Vittersø et al., 1998) e maior satisfação em relação ao comportamento do animal (Serpell, 1996).

Neste estudo, sendo o compromisso a variável mediadora, o objetivo deste seria, de um modo geral, explicar a associação existente entre as atitudes gerais face aos animais de companhia e os maus tratos sobre os mesmos.

Em suma, desta forma existiria uma relação entre atitudes gerais mais positivas face aos animais de companhia e menos maus tratos, uma vez que os indivíduos estariam mais comprometidos com os seus animais.

Antropomorfismo como Fenómeno Presente na Relação Humano-Animal de Companhia

O antropomorfismo é um fenómeno que se caracteriza pela capacidade de perceber diversos animais em termos das suas qualidades humanas, sendo que a capacidade de lhes atribuir aptidões mentais humanas tornou-se um tópico de crescente interesse na Psicologia (Epley et al., 2007; Epley et al., 2008a; Waytz et al., 2010; Waytz et al. 2010). A tendência que os humanos têm de antropomorfizar os seus animais de companhia, ao invés de vê-los como indivíduos pertencentes a outra espécie com as propriedades e necessidades particulares desta espécie pode ser causada não apenas por fatores sociais, mas também biológicos (Sollund, 2011). Embora os objetos do antropomorfismo possam incluir deuses, entidades naturais e máquinas feitas pelo homem, como robôs e computadores (Guthrie, 1993; Mithen, 1996), os animais, atualmente, são o foco principal do pensamento antropomórfico para muitas pessoas no mundo ocidental (Horowitz & Bekoff, 2007).

A prática de manter animais domésticos como companheiros envolve, necessariamente, algum grau de antropomorfismo ou “personificação”; a maioria dos donos dá nomes aos seus animais de companhia, fala com eles, tira-lhes fotos, trata das suas doenças e lamenta a sua morte (Serpell, 1996a). Assim, e em comparação com as pessoas que não têm animais, é compreensível que aquelas que são donos de animais de estimação estejam mais dispostas a atribuir-lhes sentimentos, emoções, desejos e compreensão (Fidler et. al, 1996).

A atribuição de emoções aos animais de companhia pode variar, uma vez que existem emoções primárias e secundárias. Algumas das emoções primárias que podemos atribuir aos animais de companhia são a raiva, o medo, a alegria, a tristeza ou o amor/afeto. Por outro lado, algumas das emoções secundárias são a empatia, a vergonha, o ciúme, a culpa ou o embaraço (Morris et al., 2008). Embora a capacidade de experimentar emoções primárias seja considerada por muitos como comum a animais humanos e não humanos, a capacidade de experienciar

emoções secundárias, uma vez que são cognitivamente mais complexas e autoconscientes, costuma ser apenas limitada aos humanos (Demoulin et al. 2004; Morris et al., 2008).

No entanto, também existem diferenças individuais consideráveis no pensamento antropomórfico entre os donos de animais de estimação. Por exemplo, eles variam muito nas crenças que têm sobre as capacidades dos seus animais de estimação no que corresponde à sensibilidade, à cognição complexa ou à experiência emocional (Morris et al., 2008). Além disso, também variam na medida em que sentem que os seus animais de companhia lhes proporcionam relacionamentos semelhantes aos relacionamentos entre humanos, tornando-se assim muito emocionalmente ligados a eles (Bonas et al., 2000; Enders-Slegers, 2000; Paul, 2000; Serpell, 2003; Kurdek, 2009; Cline, 2010).

Num outro estudo, Sahlins (1976) propôs um contínuo de animais de companhia que se estendem desde aqueles que são mais antropomorfizados (por exemplo, cães e gatos) até aqueles que são considerados menos semelhantes aos humanos (por exemplo, vacas e porcos). Como muitos animais de estimação são altamente antropomorfizados, geralmente são permitidos dentro de casa. No entanto, os seus donos raramente veem-nos como humanos. Por exemplo, alguns animais são permitidos apenas em algumas secções da casa (por exemplo, a sala e a cozinha); outros são apenas autorizados a ocupar alguns móveis num determinado quarto (por exemplo, um sofá, uma cadeira ou uma cama particular); alguns são alimentados apenas em áreas específicas e comem na sua tigela, enquanto outros são alimentados pelas mãos do próprio dono, e assim em diante (Hirschman, 1994).

Uma vez que a literatura é muito escassa em volta deste tema, a partir do que foi explicado acima podemos inferir que, nas diversas situações em que os indivíduos antropomorfizam os seus animais de companhia, as restantes variáveis deste estudo teriam pontuações mais altas e associações mais fortes entre elas, potenciando assim a mediação através do compromisso. Por outro lado, noutros casos em que o antropomorfismo é menor, então a variável compromisso terá um menor potencial para explicar a associação entre as atitudes gerais face aos animais de companhia e os maus tratos sobre os mesmos.

Objetivo do Estudo

Para que os animais de companhia sejam bem tratados é estritamente necessário aprovisionar todos os cuidados necessários, desde a alimentação ao abrigo, fornecendo-lhe o maior conforto e segurança possível, e dando-lhe também todas as condições médicas, sempre que este necessitar.

Os animais são seres vulneráveis quando comparados com os seus donos, e por isso é fundamental ter atenção a eles, uma vez que a sua sobrevivência depende do ser humano. Por outro lado, se o animal for bem tratado pelo seu dono e pela sua família, é quase inevitável que irão ser recompensados com o conforto, o carinho e o amor incondicional do seu animal. Os indivíduos acabam por estabelecer uma relação de compromisso com os seus animais, tendo assim por obrigação o facto de lhes suprimir e acautelar todas as necessidades que eles tenham. Se isso efetivamente existir, os donos também acabam muitas vezes por atribuir qualidades e defeitos aos seus animais, antropomorfizando-os. Porém, para que tudo isto aconteça, é fundamental que haja a manifestação de diversas atitudes positivas por parte dos indivíduos ou dos donos que contactam com os seus animais de companhia.

Um dos objetivos deste estudo foi o de analisar a associação existente entre as atitudes gerais face aos animais de companhia e os maus tratos sobre os mesmos. Deste modo, quando existissem atitudes gerais positivas face aos animais de companhia por parte das pessoas, tais como dar comida e água ao animal, dar-lhe carinho, fornecer-lhe abrigo, entre outras, os maus tratos sobre os animais tenderiam a diminuir ou a ser mesmo inexistentes.

Outro dos objetivos deste estudo foi o de estudar o compromisso enquanto mediador da associação entre atitudes face aos animais de companhia e maus-tratos, ou seja, existe uma relação entre atitudes mais positivas e menos maus tratos porque os indivíduos estariam mais comprometidos com os seus animais de companhia.

O último objetivo era o de analisar o papel do antropomorfismo enquanto moderador desta relação mediada, ou seja, as situações em que os animais de companhia são mais antropomorfizados criam melhores condições para que se verificasse a mediação do compromisso na associação entre atitudes face aos animais de companhia e o maus tratos sobre os mesmos.

De modo a corroborar ou refutar as afirmações acima descritas, foram elaboradas três hipóteses:

H1: As atitudes gerais face aos animais de companhia estão associadas ao maus tratos dos mesmos, ou seja, quanto mais positivas forem as atitudes gerais face aos animais de companhia, menor serão os maus tratos;

H2: O compromisso explica a relação entre atitudes gerais face aos animais de companhia e maus tratos sobre os mesmos, ou seja, atitudes mais positivas face aos animais de companhia

associam-se a maus-tratos dos animais uma vez que os indivíduos estão mais comprometidos com os mesmos;

H3: O antropomorfismo modela a relação mediada presente na hipótese anterior, ou seja, em situações nas quais os animais de companhia são mais antropomorfizados, melhores serão as condições para que se verifique a relação mediada existente na hipótese anterior.

Capítulo 2 – Método

Participantes

Através de um método de amostragem não probabilístico e por conveniência obtivemos uma amostra composta por 1301 participantes (959 mulheres) com idades compreendidas entre os 18 e os 85 anos ($M = 28.39$; $SD = 12.75$), tal como é possível verificar no Quadro 1, em que todos os participantes possuíam ou possuem, de momento, pelo menos um animal de companhia. No Quadro 1 também é possível averiguar que a maioria dos participantes possuía, em termos de grau de escolaridade, o ensino secundário (60.1%), não possuíam qualquer orientação política (49.1%), eram católicos (50.4%), auferiam um rendimento mensal menor ou igual a 580€ (49.1%), eram solteiros, mas encontravam-se numa relação (35.9%), viviam com os seus pais (55.3%) e residiam numa moradia (49.9%).

Quadro 1

Informação Sociodemográfica

Sexo Biológico	
Mulher	959 (73.7%)
Homem	337 (25,9%)
Outro	5 (0.4%)
Grau de Escolaridade	
Inferior ao Ensino Secundário	48 (3.7%)
Ensino Secundário	782 (60.1%)
Bacharelato/Licenciatura	359 (27.6%)
Mestrado/Doutoramento	87 (6.7%)
Outro	25 (1.9%)
Orientação Política	
Extrema Direita	8 (0.6%)
Direita	177 (13.6%)
Centro	167 (12.8%)
Esquerda	294 (22.6%)
Extrema Esquerda	16 (1.2%)
Sem Orientação Política	639 (49.1%)
Religião	
Sem Religião	499 (38.4%)

Católico	656 (50.4%)
Cristão não Católico	111 (8.5%)
Outra Religião	35 (2.7%)
Rendimento Mensal	
<=580€	639 (49.1%)
581-999€	319 (24.5%)
1000-1999€	261 (20.1%)
2000-4999€	70 (5.4%)
>=5000€	12 (0.9%)
Estado Civil	
Solteiro/a sem Relação	458 (35.2%)
Solteiro/a numa Relação	467 (35.9%)
Solteiro/a numa União de Facto	82 (6.3%)
Casado/a	237 (18.2%)
Viúvo/a	11 (0.8%)
Divorciado/a	46 (3.5%)
Habitação Partilhada/Vive sozinho/a	
Vivo sozinho/a	64 (4.9%)
Vivo com os meus pais	720 (55.3%)
Vivo com o companheiro/a	360 (27.7%)
Vivo com amigos/as	43 (3.3%)
Outra situação	114 (8.8%)
Tipo de Casa	
Apartamento	583 (44.8%)
Moradia	649 (49.9%)
Quinta	52 (4.0%)
Outro	17 (1.3%)
Idade	
	M=28.39 DP=12.75
N	
	1301

Instrumentos

Escala de Atitudes face a Animais de Companhia

Um dos instrumentos utilizados foi a Escala de Atitudes face a Animais de Companhia, em que o propósito da mesma foi medir a favorabilidade de atitudes em relação aos animais de

companhia (Templer et al., 1981). Ao longo de 18 itens, os participantes foram questionados a indicar quais seriam o seu amor e interação (seis itens; exemplo: “Gosto muito de ver animais de companhia a disfrutar da sua comida.”; 1 = Discordo Totalmente, 7 = Concordo Totalmente), os animas de companhia em casa (seis itens; exemplo: “Se mantiver animais em casa, posso esperar muitos danos na mobília.”; 1 = Discordo Totalmente, 7 = Concordo Totalmente), e a alegria de ter um animal de companhia (seis itens; exemplo: “Eu passo tempo todos os dias a brincar com o meu animal de companhia (ou passaria se tivesse um).”; 1 = Discordo Totalmente, 7 = Concordo Totalmente). Esta escala apresenta no estudo de Templer et al. (1981) uma consistência interna muito boa ($\alpha=.93$).

Escala do Modelo de Investimento da *Rusbult*

Também utilizámos a Escala do Modelo de Investimento da *Rusbult*, mas adaptada às relações dos indivíduos com os seus animais de companhia, em que a finalidade do mesmo foi avaliar a satisfação, a qualidade das alternativas, o investimento e o compromisso, sendo que para cada fator haveria uma subescala respetiva (Baker et al., 2016). Ao longo de 22 itens, os participantes foram questionados a indicar qual seria a sua satisfação (cinco itens; exemplo: “Sinto-me satisfeito/a com o relacionamento com o meu animal de companhia”; 1 = Discordo Totalmente, 7 = Concordo Totalmente), a qualidade de alternativas (cinco itens; exemplo: “Se não estivesse com o meu animal de companhia atual estaria bem, pois encontraria outro animal com o qual me poderia relacionar.”; 1 = Discordo Totalmente, 7 = Concordo Totalmente), o investimento (cinco itens; exemplo: “Sinto-me muito/a envolvido/a no relacionamento com o meu animal de companhia, uma vez que fiz grandes investimentos nele”; 1 = Discordo Totalmente, 7 = Concordo Totalmente) e o compromisso (sete itens; exemplo: “Durante o próximo ano, é provável que venha a ter outros animais de companhia para além do que tenho atualmente.”; 1 = Discordo Totalmente, 7 = Concordo Totalmente) com o seu animal de companhia. De acordo com o estudo original de Baker et al. (2016), a subescala da satisfação apresentou uma consistência interna muito boa ($\alpha=.90$), a subescala relativa à qualidade das alternativas apresentou uma consistência interna boa ($\alpha=.84$), a consistência interna referente à subescala do investimento foi também boa ($\alpha=.84$), e a subescala do compromisso teve uma consistência interna de ($\alpha=.82$). Importa realçar que, neste estudo, iremos apenas utilizar a subescala de compromisso.

Escala de Emoções Gerais face aos Animais de Companhia

Foi também utilizada a Escala de Emoções Gerais face aos Animais de Companhia, em que o objetivo da mesma foi avaliar o reportório emocional atribuído ao animal de companhia (Paul

et al., 2014). Ao longo de 27 itens, os participantes foram questionados a indicar se o seu animal de companhia seria capaz de exprimir um determinado conjunto de sentimentos e emoções (exemplo: “raiva”; 1 = De forma nenhuma, 7 = Certamente). A consistência interna desta escala não está explícita ao longo do artigo, pelo que é impossível apresentar o α de *Cronbach* originalmente obtido pelos autores (Paul et al., 2014).

De acordo com o estudo realizado por Paul et al. (2014), as respostas dadas pelos participantes segundo as várias emoções apresentadas ao longo do questionário, emoções essas que iriam avaliar o repertório emocional atribuído aos animais, serão usadas para gerar uma pontuação média de todas as emoções (emoções gerais), e a pontuação média das emoções primárias e secundárias separadamente. Deste modo, embora a capacidade de experimentar emoções primárias seja considerada por muitos como comum a animais humanos e não humanos, a possibilidade de experienciar emoções cognitivamente mais complexas, autoconscientes e secundárias, muitas vezes acredita-se que esteja limitada apenas aos humanos (Demoulin et al., 2004; Morris et al., 2008). Um rácio das classificações médias em relação às capacidades que os animais de companhia têm para experimentar Emoções Secundárias em relação às Emoções Primárias foi, portanto, usada como um indicador das tendências dos participantes para atribuir proporcionalmente mais emoções humanas aos seus animais de companhia, com pontuações mais altas sugerindo mais atribuições antropomórficas (Rácio Emoções Secundárias/Emoções Primárias).

Escala de Mau Trato contra Animais e Questionário de Levantamento de Atitudes em relação ao Tratamento de Animais

Por último utilizámos a Escala de Mau Trato contra Animais (Baldry, 2004) e o Questionário de Levantamento de Atitudes em relação ao Tratamento de Animais (Henry, 2009). A Escala de Mau Trato contra Animais teve como finalidade analisar a prevalência, a severidade e o tipo de abuso físico e emocional a que os animais eram expostos (Baldry, 2004). Ao longo de 4 itens, os participantes foram questionados a indicar como se posicionavam em cada uma das situações descritas (exemplo; “Nunca maltrataria um animal de companhia.”; 1 = Discordo Totalmente, 7 = Concordo Totalmente). Segundo Baldry (2004), a Escala de Mau Trato contra Animais subdivide-se em duas dimensões, formando-se assim a subescala ligada ao “abuso direto” e composta por 5 itens, e a subescala ligada ao “abuso indireto” e constituída por 4 itens. De acordo com o que está descrito no estudo de Baldry (2004), a subescala relativa ao abuso direto demonstrou uma boa consistência interna ($\alpha=.84$), enquanto que a subescala referente ao abuso indireto mostrou uma consistência interna mais baixa ($\alpha=.69$).

O Questionário de Levantamento de Atitudes em relação ao Tratamento de Animais teve como propósito diferenciar entre atos de crueldade e atos que poderiam ser interpretados como negligentes (Henry, 2009). Ao longo de 10 itens, os participantes foram questionados a indicar como se posicionavam em cada uma das situações descritas, segundo uma variedade de diferentes tipos de tratamento de animais (exemplo; “Eutanasiar um animal de companhia exclusivamente para o ajudar, uma vez que está ferido, velho ou doente.”; 1 = Totalmente Injustificável, 7 = Totalmente Justificável). A consistência interna desta escala não está explícita ao longo do artigo, pelo que é impossível descrever qual foi o α de *Cronbach* (Henry, 2009).

Procedimento

Neste estudo foi adotada uma metodologia correlacional, tratando-se assim de um estudo transversal. Utilizou-se um questionário *online* para medir as diferentes variáveis em estudo, sendo que cada uma delas foi avaliada individualmente e com escalas próprias.

O questionário foi distribuído e divulgado em diversas redes sociais de forma a obter uma amostra com um número considerável de participantes, sendo que para estes serem validados teriam de obedecer aos seguintes critérios: ter mais do que 18 anos (obrigatório); deveriam viver com o companheiro/a (preferencial); deveriam ter, pelo menos, um animal de companhia (preferencial).

Inicialmente os participantes foram informados sobre os seus direitos e, caso aceitassem participar no estudo, teriam de preencher o Consentimento Informado. Após aceitarem participar no estudo, foi pedido que fornecessem alguns dados sociodemográficos tais como a idade, o sexo, o grau de escolaridade, entre outros. Depois de terem completado todos os dados sociodemográficos, os participantes foram solicitados a responder às diversas escalas inseridas no questionário e que correspondiam a todas as variáveis incluídas neste estudo (ver secção “Instrumentos”).

O objetivo principal do questionário foi medir, de um modo geral, a relação que os participantes estabeleciam com os seus animais de companhia. Desta maneira começaram por responder à Escala de Atitudes face a Animais de Companhia, seguindo-se a Escala do Modelo de Investimento da *Rusbult* adaptada a animais de companhia. Após estas duas medidas, responderam à Escala de Emoções Gerais face aos Animais de Companhia e, por último, à Escala de Mau Trato contra Animais e ao Questionário de Levantamento de Atitudes em relação ao Tratamento de Animais. O tempo médio para concluir o questionário foi de 20 minutos.

Capítulo 3 - Resultados

Estatísticas Descritivas

A Escala de Atitudes face a Animais de Companhia foi composta por 18 itens. De acordo com este instrumento, sendo 1.78 o valor mínimo da escala, 4 o ponto médio da escala e 7 o ponto máximo, é possível inferir que a maior parte dos participantes deu respostas muito elevadas, ou seja, a maior parte direcionou muitas atitudes gerais em relação aos seus animais de companhia. Esta escala já foi anteriormente adaptada e validada em Portugal por Jacobetty et al. (2019).

A Escala do Modelo de Investimento da *Rusbult* continha 22 itens, tal como é possível visualizar no Quadro 2, sendo composta por quatro subescalas: satisfação, qualidade das alternativas, investimento e compromisso. Nesta escala, sendo 1 o valor mínimo da escala, 4 o ponto médio e 7 o ponto máximo, é exequível realçar que os participantes demonstraram uma grande satisfação e investimento nos relacionamentos com os seus animais de companhia, indicando também um grande comprometimento com os mesmos. Por outro lado, os indivíduos mostraram alternativas com pouca qualidade em relação aos seus animais de companhia.

Quadro 2

Análises Descritivas da Escala do Modelo de Investimento da Rusbult

Itens	Descritivas						
	N	M	DP	S	EPS	K	EPK
1.	792	6.51	.94	-2.28	.09	5.68	.17
2.	792	4.81	1.71	-.52	.09	-.41	.17
3.	792	4.80	1.94	-.49	.09	-.89	.17
4.	792	5.54	1.62	-1.10	.09	.49	.17
5.	792	6.35	1.14	-2.00	.09	4.00	.17
6.	792	4.82	1.93	-.47	.09	-.89	.17
7.	792	3.14	1.81	.52	.09	-.64	.17
8.	792	4.33	1.79	-.23	.09	-.75	.17
9.	792	4.34	1.75	-.26	.09	-.69	.17
10.	792	2.62	1.59	.74	.09	-.24	.17
11.	792	3.81	2.04	.11	.09	-1.19	.17
12.	792	3.29	1.94	.49	.09	-.88	.17
13.	792	4.03	2.09	-.04	.09	-1.27	.17

Itens	Descritivas						
	N	M	DP	S	EPS	K	EPK
14.	792	2.76	1.88	.83	.09	-.47	.17
15.	792	4.23	1.96	-.10	.09	-1.09	.17
16.	792	6.67	.96	-3.71	.09	15.17	.17
17.	792	6.58	1.05	-3.17	.09	11.11	.17
18.	792	1.50	1.28	3.05	.09	8.91	.17
19.	792	2.34	1.89	1.32	.09	.47	.17
20.	792	6.04	1.50	-.1.69	.09	2.19	.17
21.	792	6.17	1.50	-1.96	.09	3.21	.17
22.	792	6.38	1.28	-2.27	.09	4.85	.17

Nota: Todos os itens serão apresentados no Anexo C.

Abordando a Escala de Emoções Gerais face aos Animais de Companhia, esta era constituída por 17 itens, tal como é possível observar no Quadro 3. Segundo esta escala, sendo o ponto mínimo da mesma 1, o ponto médio 4 e o ponto máximo 7, percebe-se que as pessoas atribuem muitas e diversas emoções aos seus animais de companhia.

Quadro 3

Análises Descritivas da Escala de Emoções Gerais face aos Animais de Companhia

Itens	Descritivas						
	N	M	DP	S	EPS	K	EPK
1.	792	4.22	2.37	-.11	.09	-1.55	.17
2.	792	5.87	1.88	-1.59	.09	1.20	.17
3.	792	5.71	1.62	-1.06	.09	.14	.17
4.	792	6.75	.73	-3.81	.09	17.79	.17
5.	792	5.69	1.93	-1.25	.09	.19	.17
6.	792	5.52	1.95	-1.12	.09	-.04	.17
7.	792	4.09	2.32	-.01	.09	-1.50	.17
8.	792	6.32	1.33	-2.29	.09	5.02	.17
9.	792	6.70	.85	-3.57	.09	14.43	.17
10.	792	6.63	.94	-3.21	.09	11.51	.17
11.	792	6.04	1.60	-1.75	.09	2.20	.17
12.	792	3.82	2.32	.15	.09	-1.48	.17

Itens	Descritivas						
	N	M	DP	S	EPS	K	EPK
13.	792	4.53	2.20	-.30	.09	-1.30	.17
14.	792	6.05	1.86	-1.87	.09	2.05	.17
15.	792	4.98	2.26	-6.58	.09	-1.10	.17
16.	792	5.81	1.86	-1.45	.09	.86	.17
17.	792	3.77	2.28	.19	.09	-1.43	.17

Nota: Todos os itens serão apresentados no Anexo D.

A Escala de Mau Trato contra Animais e o Questionário de Levantamento de Atitudes em relação ao Tratamento de Animais contiveram no total 14 itens, tal como é possível examinar no Quadro 4. É importante realçar que, nestas medidas, sendo o valor mínimo 1, sendo o ponto médio 4 e sendo o ponto máximo 5.5, respostas e valores mais baixos indicavam menos maus tratos para com os animais de companhia. Deste modo, é perceptível que os participantes demonstraram poucos comportamentos associados aos maus tratos para com os seus animais.

Através destas estatísticas conseguimos fundamentalmente compreender que a maior parte dos participantes evidenciaram atitudes positivas para com os seus animais, estabelecendo assim um grande compromisso com os mesmos, e demonstraram também, no geral, que os participantes conseguiam perceber que os seus animais sentiam e experienciavam muitas emoções. Os maus tratos, conseqüentemente, mostraram valores baixos, tal como era esperado.

Quadro 4

Análises Descritivas da Escala de Mau Trato contra Animais e do Questionário de Levantamento de Atitudes em relação ao Tratamento de Animais

Itens	Descritivas						
	N	M	DP	S	EPS	K	EPK
1.	792	1.24	.91	4.79	.09	24.04	.17
2.	792	1.23	.90	4.89	.09	25.32	.17
3.	792	1.26	1.05	4.57	.09	20.70	.17
6.	792	1.67	1.32	2.32	.09	5.15	.17
7.	792	1.16	.80	6.03	.09	38.02	.17
8.	792	1.39	1.04	3.18	.09	10.56	.17
9.	792	1.10	.67	7.12	.09	52.77	.17
10.	792	1.26	.90	4.18	.09	18.55	.17

Itens	Descritivas						
	N	M	DP	S	EPS	K	EPK
11.	792	1.29	.96	4.29	.09	19.62	.17
12.	792	1.34	1.02	3.65	.09	14.11	.17
13.	792	1.24	.80	4.40	.09	22.30	.17
14.	792	1.12	.69	6.78	.09	48.78	.17

Nota: Todos os itens serão apresentados no Anexo E.

Análises Fatoriais Exploratórias e Consistência Interna dos Instrumentos

Para examinar a validade de construto das variáveis inseridas neste estudo conduzimos cinco análises fatoriais exploratórias. A primeira análise fatorial referente à Escala de Atitudes de Animais de Companhia revelou 1 fator. Inspeccionando a matriz dos itens, verificou-se que todos os itens tinham um peso superior a .34. Este fator explicou 37.43% da variância (KMO=.94). A Escala de Atitudes de Animais de Companhia apresentou uma consistência interna boa ($\alpha=.88$). Foi calculada a média de todos os itens para construir um indicador de atitudes gerais face aos animais de companhia (M=5.82; DP=.87). Foi também realizado um teste t contra o ponto médio da escala (valor 4) e este teste mostrou que os participantes possuem, em média, atitudes muito positivas face aos seus animais de companhia [$t(1410)=78.37, p<.05$].

A segunda análise fatorial relativa à Escala do Modelo de Investimento da *Rusbult* revelou 4 fatores: a satisfação, o investimento, a qualidade de alternativas e o compromisso. Para efeitos deste estudo, apenas foi utilizado o fator do compromisso, tal como é possível observar no Quadro 5. Inspeccionando a matriz dos itens com rotação *promax*, verificou-se que todos os itens tinham um peso superior a .20. Devido ao facto de um destes itens desta escala ter um peso muito baixo, decidimos não retirar o mesmo uma vez que a consistência interna deste fator se revelou bastante aceitável, como se verá de seguida.

Globalmente, a Escala do Modelo de Investimento da *Rusbult* foi composta por 4 fatores que explicam 57% da variância (KMO=.90). Desses 4 fatores, tal como foi dito anteriormente, apenas utilizámos, para efeitos deste estudo, o fator do compromisso, fator esse que apresentou uma consistência interna boa ($\alpha=.75$). Posteriormente, foi calculada a média de todos os itens referentes à subescala do compromisso (M=5.79; DP=.89). Foi efetuado um teste t contra o ponto médio da escala (valor 4) e este teste mostrou que os participantes demonstram, em média, um grande nível de compromisso para com os seus animais de companhia [$t(855)=36.83, p<.05$].

Quadro 5

Análises Fatoriais Exploratórias da Escala do Modelo de Investimento da Rusbult

Itens	Compromisso	Corrected Item-Total Correlations
16.	.88	.70
17.	.81	.66
18.	.32	.24
19.	.20	-.00
20.	.55	.66
21.	.71	.68
22.	.86	.74

Nota: Todos os itens serão apresentados no Anexo C.

A terceira análise referente à Escala de Emoções Gerais face aos Animais de Companhia revelou 2 fatores, tal como é possível examinar no Quadro 6, sendo estes as emoções primárias e as emoções secundárias. Inspeccionando a matriz dos itens com rotação *promax*, verificou-se que todos os itens tinham um peso superior a .44. Estes fatores explicam 39.19% da variância (KMO=.90). A Escala de Emoções Gerais face aos Animais de Companhia apresentou uma consistência interna muito boa ($\alpha=.893$). Quando calculados os alfas dos dois fatores em separado, é perceptível que a subescala referente às emoções primárias apresentou uma consistência interna boa ($\alpha=.85$), bem como a subescala referente às emoções secundárias ($\alpha=.82$). Foi calculada a média da junção das emoções primárias e secundárias (M=5.43; DP=1.13), bem como a média das emoções primárias (M=5.73; DP=1.11) e secundárias (M=5.00; DP=1.43) separadamente. Foi efetuado um teste t contra o ponto médio da escala (valor 4) e este teste mostrou que os participantes atribuíram muitas emoções gerais aos seus animais de companhia [$t(855)=36.83, p<.05$]. Por outro lado, foi também executado um teste t contra o ponto médio da escala (valor 4) para as emoções primárias [$t(855)=45.47, p<.05$] e para as emoções secundárias [$t(852)=20.44, p<.05$] separadamente, e os mesmos mostraram também a atribuição de muitas emoções por parte dos participantes aos seus animais de companhia.

Também foi utilizado neste estudo um indicador referente ao antropomorfismo, indicador esse que foi calculado também a partir da Escala de Emoções Gerais face aos Animais de Companhia. O antropomorfismo baseava-se no rácio das emoções secundárias sobre as

emoções primárias. Deste modo, foi calculada a média do antropomorfismo ($M=.88$; $DP=.20$), e foi efetuado também o teste t deste indicador contra o ponto média da escala (valor 4) [$t(852)=-18.16$, $p<.05$].

Quadro 6

Análises Fatoriais Exploratórias da Escala de Emoções Gerais face aos Animais de Companhia

Itens	Emoções Primárias	Emoções Secundárias	Corrected Item-Total Correlations
1.	.66	-.11	.52
2.	.87	-.17	.62
3.	.53	.20	.61
4.	-.06	.71	.39
5.	.84	-.05	.70
6.	.79	-.02	.69
7.	.71	-.06	.62
8.	.22	.50	.51
9.	-.17	.85	.39
10.	.17	.52	.48
11.	-.04	.62	.38
12.	.46	.23	.63
13.	-.08	.50	.29
14.	.86	-.13	.65
15.	.55	.23	.68
16.	.44	.31	.61
17.	.44	.24	.62

Nota: Todos os itens serão apresentados no Anexo D.

A última análise fatorial, alusiva à Escala de Mau Trato contra Animais e ao Questionário de Levantamento de Atitudes em relação ao Tratamento de Animais, revelou 1 fator, sendo este os maus tratos, tal como é possível analisar no Quadro 7. Inspeccionando a matriz dos itens, verificou-se que todos os itens tiveram um peso superior a .33. Este fator explicou 46.53% da variância ($KMO=.90$). Porém, posteriormente, a escala passou dos 14 itens originais para 12 itens, sendo que o item “Já assisti a pessoas da minha família ou das minhas relações próximas a maltratar um animal de companhia.” e o item “Eutanasiar um animal de companhia

exclusivamente para o ajudar, uma vez que está ferido, velho ou doente.” foram retirados, uma vez que estes baixavam muito a consistência interna da escala. A Escala de Mau Trato contra Animais, juntamente com o Questionário de Levantamento de Atitudes em relação ao Tratamento de Animais apresentaram uma consistência interna boa ($\alpha=.87$). Posteriormente, foi calculada a média de todos os itens referentes à junção da Escala de Mau Trato contra Animais com o Questionário de Levantamento de Atitudes em relação ao Tratamento de Animais ($M=1.29$; $DP=.61$). Foi também realizado um teste t contra o ponto médio da escala (valor 4) e este teste demonstrou que a maior parte dos participantes não concordavam com os maus tratos face aos seus animais de companhia, e por isso, conseqüentemente, não os maltratavam [$t(844)=-128.86, p<.05$].

Quadro 7

Análises Fatoriais Exploratórias da Escala de Mau Trato contra Animais e do Questionário de Levantamento de Atitudes em relação ao Tratamento de Animais

Ítems	Maus Tratos	Corrected Item-Total Correlations
1.	.33	.40
2.	.34	.43
3.	.34	.45
6.	.38	.35
7.	.75	.67
8.	.71	.63
9.	.85	.73
10.	.74	.65
11.	.72	.65
12.	.71	.63
13.	.79	.66
14.	.83	.70

Nota: Todos os itens serão apresentados no Anexo E.

Correlações Gerais

No Quadro 8 são apresentadas todas as correlações gerais entre as diversas variáveis e respectivas escalas utilizadas neste estudo.

Quadro 8

Correlações Gerais

	Correlações						
	1	2	3	4	5	6	7
1. Escala de Atitudes face a Animais de Companhia	-	.634**	.229**	.194**	.226**	.102**	-.250**
2. Escala do Modelo de Investimento da <i>Rusbult</i>	.634**	-	.214**	.192**	.198**	.076*	-.229**
3. Emoções Gerais	.229**	.214**	-	.922**	.903**	.318**	-.093**
4. Emoções Primárias	.194**	.192**	.922**	-	.665**	-.058	-.112**
5. Emoções Secundárias	.226**	.198**	.903**	.665**	-	.677**	-.054
6. Antropomorfismo	.102**	.076*	.318**	-.058	.677**	-	.019
7. Escala de Mau Trato contra Animais e Questionário de Levantamento de Atitudes em relação ao Tratamento de Animais	-.250**	-.229**	-.093**	-.112**	-.054	.019	-

Nota: *p < .050; ** p < .010

Começando pela Escala de Mau Trato contra Animais e Questionário de Levantamento de Atitudes em relação ao Tratamento de Animais, é possível observar que esta demonstrou estar negativamente e significativamente correlacionada com as outras variáveis. Estes valores são perfeitamente normais e representam o baixo mau trato que os participantes indicaram tendo em vista os seus animais, tal como era esperado. Quanto mais positivos foram os valores das outras variáveis, mais negativos foram os da Escala de Mau Trato contra Animais e Questionário de Levantamento de Atitudes em relação ao Tratamento de Animais, sendo possível assim compreender o que foi afirmado anteriormente.

Por outro lado, ao visualizarmos as correlações que existiram entre a Escala de Atitudes de Animais de Companhia e a subescala do compromisso, inserida na Escala do Modelo de Investimento da *Rusbult*, é perfeitamente perceptível que a primeira estava correlacionada positivamente e significativamente com a última. A partir desta correlação podemos inferir que, quanto maiores fossem os valores da Escala de Atitudes de Animais de Companhia, maior seriam os valores do compromisso demonstrados pelos participantes para com os seus animais de companhia. Isto mostra as atitudes extremamente positivas e o elevado compromisso demonstrados pelos indivíduos que participaram neste estudo, através das suas respostas.

Em relação Escala de Emoções Gerais face aos Animais de Companhia, também estas indicaram estar positivamente e significativamente correlacionadas com a Escala de Atitudes de Animais de Companhia e com a subescala do compromisso, inserida na Escala do Modelo de Investimento da *Rusbult*, estando em simultâneo correlacionadas negativamente e também significativamente com a Escala de Mau Trato contra Animais e Questionário de Levantamento de Atitudes em relação ao Tratamento de Animais.

As emoções primárias demonstraram estar positivamente e significativamente correlacionadas com todas as outras escalas, exceto com o Antropomorfismo, que estavam negativamente correlacionadas, e com a Escala de Mau Trato contra Animais e o Questionário de Levantamento de Atitudes em relação ao Tratamento de Animais, que estavam negativamente e significativamente correlacionadas.

As emoções secundárias demonstraram estar positivamente e significativamente correlacionadas com todas as outras escalas, exceto com a Escala de Mau Trato contra Animais e o Questionário de Levantamento de Atitudes em relação ao Tratamento de Animais, que estavam negativamente correlacionadas.

Tal como era expectável desde o início deste estudo, e tal como é possível observar no Quadro 8, através das correlações houve a confirmação de que, quanto mais altos e positivos fossem os valores da Escala de Atitudes de Animais de Companhia, da subescala do compromisso, inserida na Escala do Modelo de Investimento da *Rusbult*, e da Escala de Emoções Gerais face aos Animais de Companhia, mais negativos seriam os valores da Escala de Mau Trato contra Animais e Questionário de Levantamento de Atitudes em relação ao Tratamento de Animais.

Mediação Condicionada

As hipóteses deste estudo debruçaram-se sobre o modo como as atitudes gerais dos indivíduos, face aos seus animais de companhia, estariam associadas aos maus tratos, e de que forma é que o compromisso e as emoções gerais explicariam e afetariam essa associação. Desta maneira, calculámos um modelo de mediação condicionada usando a *PROCESS* 3.0 (Modelo 59; Hayes, 2015, 2017). Neste modelo, a Escala de Atitudes de Animais de Companhia foi a variável preditora (X), a subescala do compromisso, inserida na Escala do Modelo de Investimento da *Rusbult*, foi a variável mediadora (M), e a Escala de Emoções Gerais face aos Animais de Companhia foi a variável moderadora (W), uma vez que, numa primeira instância utilizámos o indicador de antropomorfismo como variável moderadora deste estudo, porém não obtivemos quaisquer resultados relevantes. Por último, a variável consequente foi a Escala de Mau Trato contra Animais, juntamente com o Questionário de Levantamento de Atitudes em relação ao Tratamento de Animais (Y). Os resultados da mediação condicionada são apresentados no Quadro 9.

Quadro 9

Mediação Condicionada

	Compromisso (M)		Mau Trato (Y)	
	<i>b</i>	EP	<i>b</i>	EP
Constante	0.02	0.02	1.29***	0.02
Atitudes (X)	0.75***	0.04	-0.17***	0.04
Compromisso (M)	-	-	-.07*	0.03
Emoções Gerais (W)	0.05*	0.02	-0.01	0.02
X × W	-0.11***	0.03	-0.08**	0.03
M × W	-	-	0.04*	0.02

Notas: * $p < .050$; ** $p < .010$; *** $p < .001$; O output alusivo ao quadro 9 encontra-se no Anexo F.

Tal como era expectável, as atitudes estavam negativamente associadas ao mau trato, uma vez que, quanto mais os participantes possuíam atitudes gerais positivas face aos seus animais de companhia, menor seriam as disposições e os comportamentos ligados ao mau trato, sendo o mesmo visto pelos participantes de forma muito negativa. A associação direta entre as atitudes e o mau trato de animais domésticos foi significativa ($p=.00$).

Por outro lado, as atitudes gerais dos participantes face aos seus animais de companhia estavam associadas positivamente com a subescala do compromisso, inserida na Escala do Modelo de Investimento da *Rusbult*, o que permite inferir que, quanto mais atitudes positivas houvesse para com os animais de companhia por parte dos indivíduos, maior nível de compromisso haveria com os primeiros. Como o compromisso seria maior, a ligação que haveria entre os indivíduos e os animais seria maior. Esta associação entre a Escala de Atitudes de Animais de Companhia e a Escala do Modelo de Investimento da *Rusbult* foi significativa ($p=.00$).

Ao associarmos o compromisso aos maus tratos de animais de companhia, é possível verificarmos que a mesma é negativa. É possível depreender que, quanto mais os participantes deste estudo se sentiam comprometidos na relação que tinham com os seus animais de companhia, menos comportamentos relacionados com o mau trato tinham para com os últimos. A associação entre estas duas variáveis também foi significativa ($p=.03$).

Deste modo, é possível concluir que estamos perante uma mediação parcial, uma vez que as atitudes e o compromisso previam o mau trato, estando ambas negativamente associadas a esta última variável, e sendo estas associações significativas, tal como foi mencionado anteriormente.

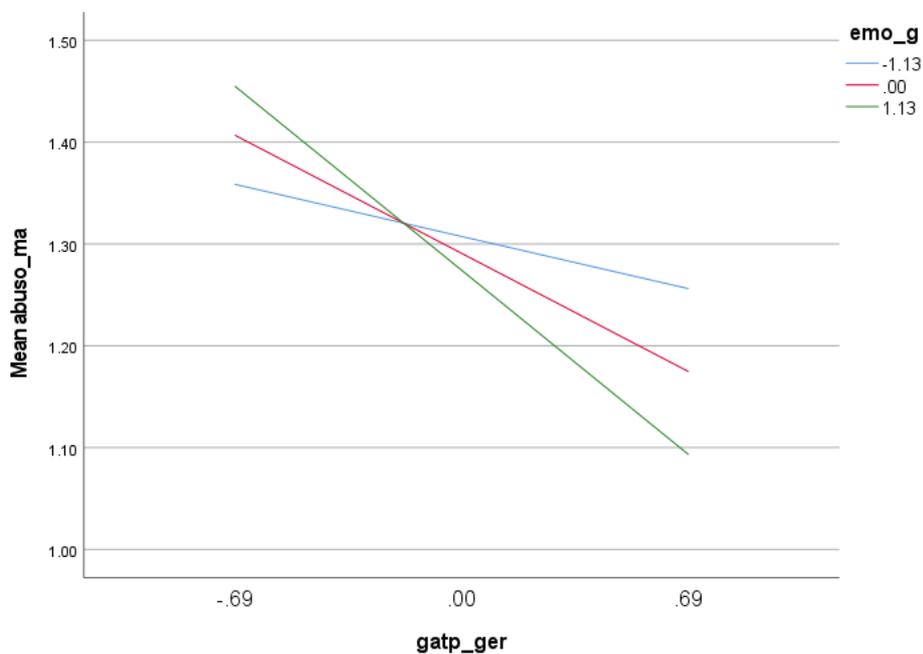
Na Figura 1 estão presentes os efeitos das interações das atitudes gerais que os participantes tinham face aos seus animais de companhia, com as emoções gerais sobre os maus tratos. Tal como é observável no Figura 1, quando os participantes atribuem muitas emoções em relação aos seus animais de companhia e têm atitudes positivas em relação aos mesmos, então os indivíduos não concordam com o mau trato e, por isso, têm uma menor tendência em maltratar os seus animais de companhia ($p=.00$).

Quando os participantes atribuem na mesma muitas emoções em relação aos seus animais de companhia, mas, por outro lado, demonstraram atitudes negativas face aos mesmos, então

nesse caso os indivíduos já concordam mais com o mau trato, havendo assim uma maior tendência para maltratar os seus animais de companhia ($p=.00$).

Quando os participantes atribuem poucas emoções aos seus animais de companhia, quer sejam as atitudes face aos seus animais negativas ou positivas, as mesmas não têm um grande impacto no mau trato, mantendo-se o mesmo dentro dos mesmos valores ($p=.12$).

Figura 1



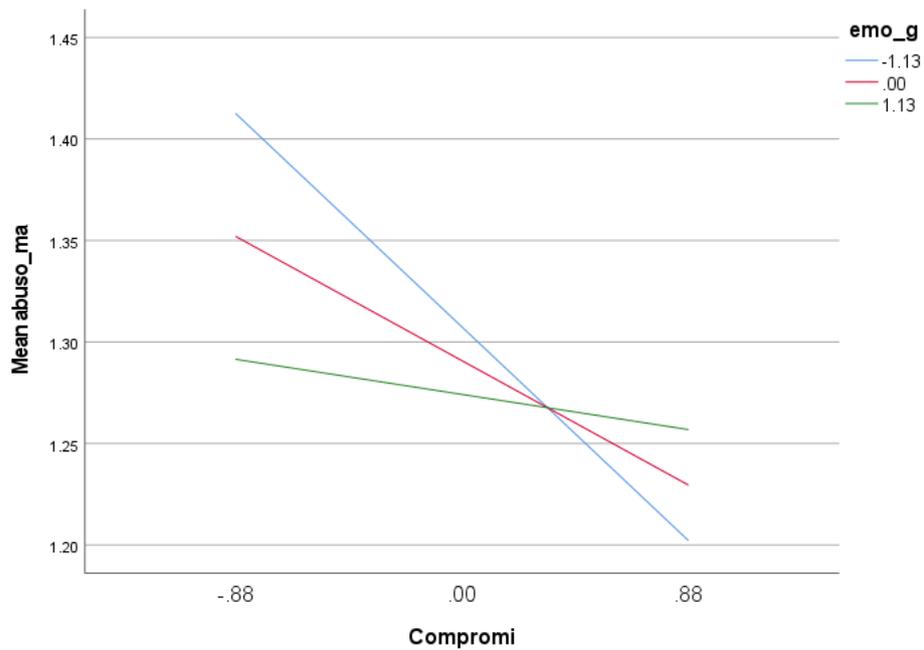
Interação Atitudes × Emoções Gerais sobre Mau Trato

Na Figura 2 constam os efeitos das interações do nível de compromisso que os participantes demonstravam para com os seus animais de companhia, com as emoções gerais sobre os maus tratos. Tal como é visível na Figura 2, quando os participantes atribuem muitas emoções face aos seus animais de companhia, independentemente do nível de compromisso que tenham com eles, os indivíduos encontram-se no mesmo patamar no que concerne ao mau trato, não havendo qualquer alteração significativa nessa variável ($p=.67$).

Por outro lado, quando os participantes atribuem poucas emoções aos seus animais de companhia, mas têm um elevado nível de compromisso para com eles, a maior parte dos indivíduos não concordava com o mau trato, havendo uma menor tendência para maltratar os seus animais de companhia ($p=.00$).

Quando os participantes atribuem poucas emoções aos seus animais de companhia e mostram um baixo nível de compromisso para com os mesmos, a maior parte das pessoas concordam com o mau trato, havendo assim uma maior tendência para que estes maltratem os seus animais de companhia ($p=.00$).

Figura 2



Interação Compromisso × Emoções Gerais sobre Mau Trato

Capítulo 4 – Discussão

O nosso estudo teve como objetivos: analisar a associação existente entre as atitudes gerais face aos animais de companhia e os maus tratos sobre os mesmos; examinar de que modo é que o compromisso iria mediar a associação existente entre atitudes e maus tratos; de que forma é que as emoções gerais iriam modelar a relação mediada descrita anteriormente. Inicialmente, a variável moderadora presente neste estudo era o antropomorfismo. Todavia, como não obtivemos resultados significativos, uma vez que essa variável não teve qualquer impacto sobre as outras existentes neste estudo, optámos por substituí-la pela variável correspondente às emoções gerais, ou seja, a variável composta pelas emoções primárias e secundárias.

Desta forma, a partir destes objetivos elaborámos três hipóteses, procurando corroborá-las ou refutá-las ao longo deste estudo. As hipóteses são as seguintes:

H1: As atitudes gerais face aos animais de companhia estão associadas ao mau trato dos mesmos, ou seja, quanto mais positivas forem as atitudes gerais face aos animais de companhia, menor serão os maus tratos;

H2: O compromisso explica a relação entre atitudes gerais face aos animais de companhia e maus tratos sobre os mesmos, ou seja, se os indivíduos estivessem mais comprometidos com os seus animais, estes manifestariam atitudes mais positivas e o mau trato sobre os animais tenderia a diminuir;

H3: As emoções gerais condicionam a relação mediada presente neste estudo, ou seja, quanto mais se atribuem emoções gerais aos animais, mais condições haveria para que se verificasse a relação mediada existente na hipótese anterior.

Os resultados deste estudo mostraram que as atitudes gerais que os indivíduos tinham face aos seus animais de companhia estavam negativamente e significativamente associadas ao mau trato dos mesmos, o que possibilita inferir que, quanto mais as pessoas demonstrassem atitudes gerais positivas face aos seus animais, menor tendência haveria para que os animais de companhia fossem maltratados.

De acordo Eagles e Muffitt (1990), devido ao *status* elevado dos animais de companhia, os indivíduos que são responsáveis por cuidar de animais têm atitudes mais favoráveis em relação aos mesmos. Deste modo, alunos que tinham animais de companhia em casa tinham atitudes mais humanísticas e naturalistas em relação aos mesmos, sendo contra a utilização destes em pesquisas médicas (Hagelin et al., 2002; Wells & Hepper, 1995), por exemplo, demonstrando

assim uma preocupação geral com o bem-estar dos seus animais. Segundo Vollum et al. (2004), os donos de animais de companhia exibiam atitudes mais punitivas em relação àqueles que fazem mal aos animais, recomendando punições mais severas tanto para abuso quanto para negligência com os animais.

Através do que foi mencionado por estes autores, é possível compreender essa associação negativa e significativa, uma vez que pessoas que indicassem atitudes gerais positivas face aos seus animais de companhia teriam menor tendência para maltratar os mesmos, e vice-versa. Deste modo, a primeira hipótese foi confirmada.

Em relação à segunda hipótese, através dos resultados obtidos foi possível verificar que o compromisso está positivamente e significativamente relacionado com as atitudes gerais que os indivíduos têm face aos seus animais de companhia. Para além do mais, está posteriormente negativamente e significativamente relacionado com os maus tratos face aos animais de companhia.

Segundo Baker et al. (2016), para que um relacionamento perdure, é necessário que o compromisso se mantenha estável, e para isso é essencial a manifestação de “comportamentos pró relação”. Estes comportamentos têm como objetivo manter a qualidade e o prazer do relacionamento para ambas as partes, aumentando assim a probabilidade de que o relacionamento dure. Estes comportamentos pró relação, tais como o perdão, a acomodação e o sacrifício, também podem ser aplicados na relação humano-animal de companhia (Baker et al., 2016). Outros autores também consideram a vinculação como um dos fatores fundamentais na relação humano-animal de companhia. Desta maneira, o compromisso com os animais de companhia, assim como o afeto, está envolvido na formação de um vínculo humano-animal duradouro, e que ambos são importantes para questões de manutenção e aquisição de animais de companhia (Staats et al., 1996).

Estes autores demonstraram que o compromisso é um fator fundamental para que as relações humano-animal se mantenham e perdurem ao longo do tempo. Deste modo, se os indivíduos estivessem mais comprometidos com os seus animais de companhia, estes teriam uma maior tendência em manifestar atitudes mais positivas e, conseqüentemente, o mau trato face aos animais tenderia a diminuir.

Assim sendo, o compromisso não anulou na totalidade a relação entre atitudes gerais e maus tratos, e é por essa razão que a mediação deste estudo é uma mediação parcial. A segunda hipótese foi parcialmente confirmada.

Finalmente, tendo em conta a terceira hipótese, através dos resultados obtidos foi possível observar que as emoções gerais que atribuímos aos animais estavam positivamente e significativamente relacionadas com o compromisso. Todavia, as emoções gerais que atribuímos aos animais de companhia estavam negativamente e não significativamente relacionadas com o mau trato sobre os mesmos.

Como foi possível também verificar no decorrer dos resultados alcançados, as emoções gerais não condicionam totalmente a mediação do compromisso na relação entre as atitudes gerais face aos animais de companhia e o mau trato dos mesmos. Contudo, as emoções gerais parecem interagir, quer com as atitudes gerais, quer com o compromisso, condicionando e afetando, conseqüentemente, o mau trato.

Em relação à interação entre as atitudes e as emoções gerais sobre o mau trato, quando os indivíduos atribuíam muitas emoções em relação aos seus animais de companhia e tinham atitudes positivas em relação aos mesmos, os mesmos não concordavam com o mau trato. Quando os participantes atribuíam também muitas emoções em relação aos seus animais de companhia, mas, por outro lado, demonstravam atitudes negativas face aos mesmos, então nesse caso os indivíduos já concordavam mais com o mau trato.

No que corresponde à interação entre compromisso e emoções gerais sobre o mau trato, quando os participantes atribuíam muitas emoções face aos seus animais de companhia, independentemente do nível de compromisso que tinham com eles, os indivíduos encontravam-se no mesmo patamar no que concerne ao mau trato, sendo essa variável constante.

Por outro lado, quando os participantes atribuíam poucas emoções aos seus animais de companhia, mas tinham um elevado nível de compromisso para com eles, a maior parte dos indivíduos não concordava com o mau trato, havendo uma menor tendência para maltratar os seus animais de companhia. Quando os participantes atribuíam poucas emoções aos seus animais de companhia, mas mostravam um baixo nível de compromisso para com os mesmos, a maior parte das pessoas concordava com o mau trato, havendo assim uma maior tendência para que estes maltratassem os seus animais de companhia.

Segundo alguns autores, embora a capacidade de experimentar emoções primárias seja considerada por muitos como comum a animais humanos e não humanos, a capacidade de experienciar emoções secundárias, uma vez que são cognitivamente mais complexas e autoconscientes, costuma ser apenas limitada aos humanos (Demoulin et al. 2004; Morris et al., 2008). Porém, existem diferenças individuais consideráveis no pensamento antropomórfico

entre os donos de animais de estimação. Por exemplo, eles variam muito nas crenças que têm sobre as capacidades dos seus animais de estimação no que corresponde à sensibilidade, à cognição complexa ou à experiência emocional (Morris et al., 2008). Além disso, também variam na medida em que sentem que os seus animais de companhia lhes proporcionam relacionamentos semelhantes aos humanos, tornando-se assim muito emocionalmente ligados a eles (Bonas et al., 2000; Enders-Slegers, 2000; Paul, 2000; Serpell, 2003; Kurdek, 2009; Cline, 2010).

Deste modo, a terceira hipótese não foi totalmente confirmada.

Limitações e Estudos Futuros

Ao longo deste estudo foi possível verificar a presença de algumas limitações. A primeira limitação está relacionada com a variável moderadora deste estudo, as emoções gerais, e com o facto de esta ser uma variável com uma forte componente emocional, e com a variável mediadora deste estudo, o compromisso, e como o facto de este ter uma forte componente racional. Ao observarmos a relação existente entre as diferentes variáveis deste estudo, foi perceptível o impacto das emoções gerais, sendo que quando esta se encontrava, por exemplo, na presença da variável mediadora deste estudo, a mesma não tinha qualquer ou tinha um impacto muito reduzido, uma vez que o compromisso é uma variável com uma forte componente racional, como foi dito anteriormente, reduzindo assim o impacto das emoções gerais neste estudo.

A segunda limitação prende-se com o facto dos indivíduos que participaram neste estudo terem ou não animais de companhia. Como na análise de dados apenas fizeram parte da amostra as pessoas que já tinham contactado com animais de companhia, seria interessante ver também de que forma é que os indivíduos que não têm animais se posicionariam em relação aos mesmos tendo em conta as variáveis utilizadas neste estudo. Além disso, haveria até uma possibilidade futura de se fazer uma comparação entre as pessoas que têm ou já tiveram animais e aquelas que nunca tiveram animais de companhia, observando as atitudes de um modo geral face aos animais, bem como o compromisso e os maus tratos de um grupo e de outro, por exemplo.

A terceira limitação é referente ao conceito de mau trato e à sua explicação, uma vez que, havendo a existência de diversos animais de companhia, desde roedores a répteis ou de peixes a cães e gatos, o modo de maltratar uma iguana, por exemplo, pode diferir e muito do modo de maltratar um peixe que se encontra dentro de um aquário. Desta maneira, muitas das vezes, os maus tratos de animais de companhia são focados maioritariamente em cães e gatos, descurando

de certo modo os restantes grupos e espécies de animais, o que torna este conceito um pouco “restrito” àquele pequeno grupo.

A quarta e última limitação está relacionada com algumas das escalas utilizadas ao longo deste estudo e com a respetiva remoção de determinados itens das mesmas. Por exemplo, na Escala do Modelo de Investimento da *Rusbult*, escala essa que foi adaptada para que pudesse ser utilizada em estudos com animais, a mesma deve de sofrer um processo de revisão dos seus itens, uma vez que os resultados mostram que pode ter havido alguma falta de compreensão por parte dos indivíduos ao participarem neste estudo, e visto que obtivemos, durante a análise fatorial, itens com pesos extremamente baixos.

Em relação aos estudos futuros, seria interessante especificar que tipo ou tipos de animais é que cada participante possuía, e que forma de comportamentos ligados aos maus tratos estariam associados aos mesmos, pois existem diversas formas de mau trato, desde o mau trato físico ao mau trato sexual ou até à privação de bens essenciais à sobrevivência do animal de companhia.

Por outro lado, no futuro seria também relevante realizar um estudo para clarificar e diferenciar as definições de mau trato, abuso e negligência de animais de companhia, em virtude de serem conceitos muito parecidos e que, muitas das vezes, apesar de estarem relacionados uns com os outros, acabam por não ser sinónimos e ter algumas diferenças entre eles, diferenciando-os.

Outra ideia que poderia ser utilizada num estudo futuro e que não resultou neste estudo seria a utilização da confiança como variável preditora, e não como variável mediadora, uma vez que a mesma teve de ser eliminada do estudo devido ao seu impacto praticamente nulo sobre as outras variáveis. A confiança, segundo diversos autores, é vista como a base fundamental para os animais desistirem da sua autonomia e para os humanos assumirem a responsabilidade. Deste modo, os seres humanos confiam nos animais para serem dóceis e cooperativos, enquanto os animais confiam nos humanos para protegê-los, alimentá-los e cuidar deles (Oma, 2010). Uma das explicações possíveis para esta não ter resultado pode-se dever ao facto do compromisso, devido ao grande impacto que teve nas restantes variáveis ter, de certa forma, “abafado” e reduzido o efeito significativo que a confiança teria sobre a associação entre as atitudes gerais face aos animais de companhia e os maus tratos dos mesmos, fazendo com que esta não explicasse nem tivesse qualquer impacto neste estudo.

Outra ideia para um estudo futuro seria a introdução de uma variável ligada ao antropomorfismo ou, por outras palavras, ao rácio das emoções secundárias sobre as emoções primárias, uma vez que a mesma também teve que ser retirada deste estudo pois não teve qualquer efeito significativo sobre as outras variáveis inseridas neste estudo. Em relação ao antropomorfismo, é perceptível entender que várias pessoas em todo o mundo alimentam os seus animais de companhia com comida humana, dão-lhes nomes humanos, celebram os seus aniversários, levam-nos a médicos especializados quando ficam doentes, choram por eles quando morrem e enterram-nos em cemitérios de animais com todos os adereços rituais de um sepultamento humano (Serpell, 1996a). As relações humanitárias que se estabelecem são únicas porque baseiam-se principalmente na transferência ou troca de disposições sociais e não económicas ou utilitárias entre pessoas e animais. Para os humanos envolvidos nessas relações, o antropomorfismo proporcionou a oportunidade de usar os animais como fontes alternativas de apoio social e o meio de se beneficiar emocional e fisicamente com isso (Serpell, 2003).

Implicações Gerais

Este estudo, através dos resultados obtidos veio demonstrar, de acordo com a literatura já existente, que o compromisso é um dos fatores imperiais no que corresponde à diminuição ou aumento do mau trato, e que por si só a atribuição de emoções primárias e secundárias não chegam para que esse fator diminua.

Os resultados também demonstraram que as atitudes gerais face aos animais de companhia são um fator bem sólido e que consegue ter um grande impacto sobre o mau trato de animais.

Deste modo, foi possível “fornecer” à literatura resultados acerca das variáveis trabalhadas neste estudo e informações sobre um tema que estava muito pouco saliente ao longo da mesma e em que o conhecimento ainda não é vasto, aprofundando-a com resultados significativos.

Em termos de implicações práticas, este estudo veio demonstrar, através dos resultados obtidos que, por muito que se diga que gostamos ou adoramos imenso o nosso animal de companhia, e por muito que atribuamos emoções ou sentimentos aos nossos animais, que isso não chega para que eles sejam bem tratados. É preciso bem mais do que simplesmente a atribuição de emoções primárias e secundárias para que os animais de companhia tenham uma vida digna e consigam sobreviver a todas as adversidades que possam enfrentar ao longo da vida. Essencialmente, é preciso que os indivíduos entendam perfeitamente que, caso queiram animais, olhem para este estudo e percebam que são estritamente necessárias manifestações recorrentes de atitudes gerais positivas face aos animais de companhia, e que é fundamental o

compromisso e a vinculação que se estabelece ao longo do tempo com o animal, sendo que apenas as emoções não chegam para que haja uma relação humano-animal saudável e estável.

Outras implicações práticas que este estudo pode ter está ligado às campanhas publicitárias e políticas contra os maus tratos animais. Essas campanhas e associações de proteção de animais podem utilizar este estudo como apoio para instruir as pessoas acerca do mau trato animal. Além do mais, este estudo também pode ser utilizado como suporte para ações de formação, de modo a sensibilizar os indivíduos sobre o mau trato de animais de companhia.

Conclusão

Inicialmente, foi abordado neste estudo que o abandono e o mau trato sobre os animais de companhia tem aumentado em larga escala ao longo dos anos. Para que isso comece a diminuir e deixe de ser quase um “hábito” comum atualmente entre a sociedade, é perentório que, qualquer indivíduo que queira ter um animal de companhia, seja jovem, adulto ou idoso, seja mulher ou homem, deve de ter a perfeita noção que, para que essa relação que está prestes a começar seja excelente e duradoura, é crucial que haja a manifestação e demonstração por parte dos donos e dos indivíduos que contactam com o animal de atitudes gerais positivas sobre o animal, e que se estabeleça um grande compromisso na relação humano-animal, em que os seres humanos, após obterem um animal devem ter a capacidade para cuidar dele, fornecendo-lhe tudo aquilo que ele precisa para a sua sobrevivência e que lhe é indispensável, desde abrigo a comida e água, e a cuidados médicos, caso seja necessário. Se isso for efetuado, é esperado que o animal contribua com o seu carinho, confiança e amizade, e que esta relação humano-animal perdure ao longo de muitos anos.

Referências

- Amiot, C. E., & Bastian, B. (2015). Toward a psychology of human–animal relations. *Psychological bulletin*, *141*(1), 6. <https://doi.org/10.1037/a0038147>
- Baker, Z. G., Petit, W. E., & Brown, C. M. (2016). An investigation of the Rusbult investment model of commitment in relationships with pets. *Anthrozoös*, *29*(2), 193-204. <https://doi.org/10.1080/08927936.2015.1092732>
- Baldry, A. (2004). The development of the PET scale for the measurement of physical and emotional tormenting against animals in adolescents. *Society & Animals*, *12*(1), 1- 17. <https://doi.org/10.1163/156853004323029513>
- Barba, B. E. (1991). *The human/companion animal relationship: Philosophical inquiry* (Doctoral dissertation, New York University).
- Barrett, B. J., Fitzgerald, A., Stevenson, R., & Cheung, C. H. (2017). Animal maltreatment as a risk marker of more frequent and severe forms of intimate partner violence. *Journal of Interpersonal Violence*, *35*(23-24), 5131-5156. <https://doi.org/10.1177/0886260517719542>
- Beetz, A. M., & Podberscek, A. L. (2005). *Bestiality and zoophilia: sexual relations with animals*. Purdue University Press.
- Bonas, S., McNicholas, J., & Collis, G. M. (2000). *Pets in the network of family relationships: An empirical study*, 209-236. In A. L. Podberscek, E. S. Paul, & J. A. Serpell (Eds.), *Companion animals and us: Exploring the relationships between people and pets* (p. 168–186). Cambridge University Press.
- Cline, K. M. C. (2010). Psychological effects of dog ownership: Role strain, role enhancement, and depression. *The Journal of social psychology*, *150*(2), 117- 131. <https://doi.org/10.1080/00224540903368533>
- Clutton-Brock, J. (1992). The process of domestication. *Mammal review*, *22*(2), 79-85. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2907.1992.tb00122.x>
- Davis, S. L., & Cheeke, P. R. (1998). Do domestic animals have minds and the ability to think? A provisional sample of opinions on the question. *Journal of animal science*, *76*(8), 2072-2079. <https://doi.org/10.2527/1998.7682072x>

- Demoulin, S., Leyens, J. P., Paladino, M. P., Rodriguez-Torres, R., Rodriguez-Perez, A., & Dovidio, J. (2004). Dimensions of “uniquely” and “non-uniquely” human emotions. *Cognition and emotion*, *18*(1), 71-96.
<https://doi.org/10.1080/02699930244000444>
- Eagles, P. F., & Muffitt, S. (1990). An analysis of children's attitudes toward animals. *The Journal of Environmental Education*, *21*(3), 41-44.
<https://doi.org/10.1080/00958964.1990.10753747>
- Eagly, A. H., & Chaiken, S. 1993. *Psychology of Attitudes*. New York: Harcourt, Brace Jovanovich.
- Ellingsen, K., Zanella, A. J., Bjerkås, E., & Indrebø, A. (2010). The relationship between empathy, perception of pain and attitudes toward pets among Norwegian dog owners. *Anthrozoös*, *23*(3), 231-243.
<https://doi.org/10.2752/175303710X12750451258931>
- Enders-Slegers, M. (2000). The meaning of companion animals: Qualitative analysis of the life histories of elderly cat and dog owners. In E. S. Podberscek, J. A. Paul, & J. A. Serpell (Eds.), *Companion animals and us: Exploring the relationships between people and pets* (pp. 209–236). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Epley, N., Waytz, A., & Cacioppo, J. T. (2007). On seeing human: A three-factor theory of anthropomorphism. *Psychological Review*, *114*(4), 864–886.
<https://doi.org/10.1037/0033-295X.114.4.864>
- Epley, N., Waytz, A., Akalis, S., & Cacioppo, J. T. (2008a). When we need a human: Motivational determinants of anthropomorphism. *Social cognition*, *26*(2), 143- 155.
<https://doi.org/10.1521/soco.2008.26.2.143>
- Felthous, A. R., & Kellert, S. R. (1985). Childhood cruelty toward animals among criminals and noncriminals. *Human Relations*, *38*(12), 1113–1129.
<https://doi.org/10.1177/001872678503801202>
- Felthous, A. R., & Kellert, S. R. (1987). Childhood cruelty to animals and later aggression against people: A review. *The American Journal of Psychiatry*, *144*(6), 710–717.
<https://doi.org/10.1176/ajp.144.6.710>

- Ferreira, B. (2019, Agosto 22). Com os canis sobrelotados, aumentam os ataques de cães abandonados. *Rádio Observador*. <https://observador.pt/2019/08/22/com-os-canis-sobrelotados-aumentam-os-ataques-de-animais-abandonados/>
- Fidler, M., Light, P., & Costall, A. (1996). Describing dog behavior psychologically: Pet owners versus non-owners. *Anthrozoös*, 9(4), 196-200. <https://doi.org/10.2752/089279396787001356>
- Gerdin, J. A., & McDonough, S. P. (2013). Forensic pathology of companion animal abuse and neglect. *Veterinary pathology*, 50(6), 994-1006. <https://doi.org/10.1177/0300985813488895>
- Goetz, P. W. (1987). *Encyclopedia Britannica* (15th ed.). Encyclopedia Britannica.
- Guthrie, S. E. (1993). *Faces in the Clouds: A New Theory of Religion*. New York: Oxford University Press. In Harb, G. C., Heimberg, R. G., Fresco, D. M., Schneier, F. R. & Leibowitz, M. R. (2002). *The psychometric properties of the Interpersonal Sensitivity Measure in social anxiety disorder*. *Behaviour Research and Therapy* 40: 961–979.
- Hagelin, J., Johansson, B., Hau, J., & Carlsson, H. E. (2002). Influence of pet ownership on opinions towards the use of animals in biomedical research. *Anthrozoös*, 15(3), 251-257. <https://doi.org/10.2752/089279302786992540>
- Henry, B. (2009). Can attitudes about animal neglect be differentiated from attitudes about animal abuse? *Society & Animals*, 17(1), 21-37. <https://doi.org/10.1163/156853009X393747>
- Hayes, A. F. (2015). An index and test of linear moderated mediation. *Multivariate Behavioral Research*, 50, 1–22. <https://doi.org/10.1080/00273171.2014.962683>
- Hayes, A. F. (2017). *Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis* (2nd ed.). New York, NY: Guilford Press.
- Hirschman, E. C. (1994). Consumers and their animal companions. *Journal of consumer research*, 20(4), 616-632. <https://doi.org/10.1086/209374>
- Horowitz, A. C., & Bekoff, M. (2007). Naturalizing anthropomorphism: Behavioral prompts to our humanizing of animals. *Anthrozoös*, 20(1), 23-35. <https://doi.org/10.2752/089279307780216650>

- Jacobetty, R., Lopes, D., Fatjó, J., Bowen, J., & Rodrigues, D. L. (2020). Psychological correlates of attitudes toward pet relinquishment and of actual pet relinquishment: the role of pragmatism and obligation. *Animals*, 10(1), 63. <https://doi.org/10.3390/ani10010063>
- Kellert, S. R. (1985). American attitudes toward and knowledge of animals: An update. In *Advances in animal welfare science 1984* (pp. 177-213). Springer, Dordrecht.
- Kurdek, L. A. (2009). Pet dogs as attachment figures for adult owners. *Journal of Family Psychology*, 23(4), 439. <https://doi.org/10.1037/a0014979>
- Le, B., & Agnew, C. R. (2003). Commitment and its theorized determinants: A meta-analysis of the Investment Model. *Personal Relationships*, 10(1), 37-57. <https://doi.org/10.1111/1475-6811.00035>
- Marinelli, L., Adamelli, S., Normando, S., & Bono, G. (2007). Quality of life of the pet dog: Influence of owner and dog's characteristics. *Applied Animal Behaviour Science*, 108(1-2), 143-156. <https://doi.org/10.1016/j.applanim.2006.11.018>
- McNicholas, J., Gilbey, A., Rennie, A., Ahmedzai, S., Dono, J. A., & Ormerod, E. (2005). Pet ownership and human health: a brief review of evidence and issues. *Bmj*, 331(7527), 1252-1254. <https://doi.org/10.1136/bmj.331.7527.1252>
- Messent, P., & Serpell, J. A. (1981). A Historical and Biological View of the Pet-Owner Bond. In: Fogle, B. (Eds.). *Interrelations between People and Pets* (pp. 5-22). Springfield, IL: Thomas.
- Mithen, S. J. (1996). *A Search for the Origins of Art: Religion and Science*. London: Thames and Hudson.
- Morris, P. H., Doe, C., & Godsell, E. (2008). Secondary emotions in non-primate species? Behavioural reports and subjective claims by animal owners. *Cognition and emotion*, 22(1), 3-20. <https://doi.org/10.1080/02699930701273716>
- NSPCC (2003). *Understanding the links: child abuse, animal abuse and domestic violence*. NSPCC: National Society for the Prevention of Cruelty to Children. <https://bswccg.nhs.uk/for-clinicians/safeguarding/child-safeguarding/287-understanding-the-links-child-abuse-animal-abuse-and-domestic-violence/file>

- Oma, K. A. (2010). Between trust and domination: social contracts between humans and animals. *World archaeology*, 42(2), 175-187. <https://doi.org/10.1080/00438241003672724>
- Patronek, G. J., Glickman, L. T., Beck, A. M., McCabe, G. P., & Ecker, C. (1996). Risk factors for relinquishment of dogs to an animal shelter. *Journal of the American Veterinary Medical Association*, 209(3), 572-581.
- Paul, E. S. (2000). Empathy with animals and with humans: Are they linked? *Anthrozoös*, 13(4), 194-202. <https://doi.org/10.2752/089279300786999699>
- Paul, E. S. (2000). *Love of pets and love of people*. In A. L. Podberscek, E. S. Paul, & J. A. Serpell (Eds.), *Companion animals and us: Exploring the relationships between people and pets* (p. 168–186). Cambridge University Press.
- Paul, E. S., Moore, A., McAinsh, P., Symonds, E., McCune, S., & Bradshaw, J. W. (2014). Sociality motivation and anthropomorphic thinking about pets. *Anthrozoös*, 27(4), 499-512. <https://doi.org/10.2752/175303714X14023922798192>
- Podberscek, A. L., Paul, E. S., & Serpell, J. A. (Eds.). (2000). *Companion animals and us: Exploring the relationships between people and pets*. Cambridge University Press.
- Rodrigues, A. (2020, fevereiro). O fenómeno dos animais de estimação em números. *Rádio Renascença*. <https://rr.sapo.pt/2020/02/06/o-mundo-em-tres-dimensoes/o-fenomeno-dos-animais-de-estimacao-em-numeros/artigo/181036/>
- Rusbult, C. E., & Farrell, D. (1983). A longitudinal test of the investment model: The impact on job satisfaction, job commitment, and turnover of variations in rewards, costs, alternatives, and investments. *Journal of applied psychology*, 68(3), 429. <https://doi.org/10.1037/0021-9010.68.3.429>
- Rusbult, C. E., Martz, J. M., & Agnew, C. R. (1998). The investment model scale: Measuring commitment level, satisfaction level, quality of alternatives, and investment size. *Personal relationships*, 5(4), 357-387. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.1998.tb00177.x>

Sahlins, M. (1976). *Culture and Practical Reason*. Chicago, IL: University of Chicago Press.

Schenk, S. A., Templer, D. I., Peters, N. B., & Schmidt, M. (1994). The genesis and correlates of attitudes toward pets. *Anthrozoös*, 7(1), 60-68.
<https://doi.org/10.2752/089279394787002041>

Serpell, J. A. (1996). Evidence for an association between pet behavior and owner attachment levels. *Applied Animal Behaviour Science*, 47(1-2), 49-60.
[https://doi.org/10.1016/0168-1591\(95\)01010-6](https://doi.org/10.1016/0168-1591(95)01010-6)

Serpell, J. A. (1996a). *In the company of animals: A study of human-animal relationships*. Cambridge: Cambridge University Press.

Serpell, J. A. (2003). Anthropomorphism and anthropomorphic selection—beyond the "cute response". *Society & Animals*, 11(1), 83-100.
<https://doi.org/10.1163/156853003321618864>

Serpell, J. A. (2004). Factors influencing human attitudes to animals and their welfare. *Animal Welfare-Potters Bar Then Wheathampstead-*, 13, S145-S152.

Shore, E. R., Riley, M. L., & Douglas, D. K. (2006). Pet owner behaviors and attachment to yard versus house dogs. *Anthrozoös*, 19(4), 325-334.
<https://doi.org/10.2752/089279306785415466>

Sollund, R. (2011). Expressions of speciesism: The effects of keeping companion animals on animal abuse, animal trafficking and species decline. *Crime, law and social change*, 55(5), 437-451. <https://doi.org/10.1007/s10611-011-9296-3>

Staats, S., Miller, D., Carnot, M. J., Rada, K., & Turnes, J. (1996). The Miller-Rada commitment to pets scale. *Anthrozoös*, 9(2-3), 88-94.
<https://doi.org/10.2752/089279396787001509>

Templer, D. I., Salter, C. A., Dickey, S., Baldwin, R., & Veleber, D. M. (1981). The construction of a pet attitude scale. *The Psychological Record*, 31(3), 343-348.
<https://doi.org/10.1007/BF03394747>

Veevers, J. E. (1985). The social meaning of pets: Alternative roles for companion animals. *Marriage & Family Review*, 8(3-4), 11-30.
https://doi.org/10.1300/J002v08n03_03

- Vermeulen, H., & Odendaal, J. S. (1993). Proposed typology of companion animal abuse. *Anthrozoös*, 6(4), 248-257. <https://doi.org/10.2752/089279393787002178>
- Vittersø, J., Kaltenborn, B. P., & Bjerke, T. (1998). Attachment to livestock and attitudes toward large carnivores among sheep farmers in Norway. *Anthrozoös*, 11(4), 210-217. <https://doi.org/10.2752/089279398787000490>
- Vollum, S., Longmire, D., & Buffington-Vollum, J. (2004). Moral disengagement and attitudes about violence toward animals. *Society & Animals*, 12(3), 209-235. <https://doi.org/10.1163/1568530042880668>
- Waytz, A., Cacioppo, J., & Epley, N. (2010). Who sees human? The stability and importance of individual differences in anthropomorphism. *Perspectives on Psychological Science*, 5(3), 219-232. <https://doi.org/10.1177/1745691610369336>
- Waytz, A., Morewedge, C. K., Epley, N., Monteleone, G., Gao, J.-H., & Cacioppo, J. T. (2010). Making sense by making sentient: Effectance motivation increases anthropomorphism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 99(3), 410– 435. <https://doi.org/10.1037/a0020240>
- Wells, D. L., & Hepper, P. G. (1995). Attitudes to animal use in children. *Anthrozoös*, 8(3), 159-170. <https://doi.org/10.2752/089279395787156338>
- Zimolag, U. U., & Krupa, T. (2009). Pet ownership as a meaningful community occupation for people with serious mental illness. *American Journal of Occupational Therapy*, 63(2), 126-137. <https://doi.org/10.5014/ajot.63.2.126>

Anexos

Anexo A – Consentimento Informado

No presente estudo, estamos interessados em obter informações sobre as formas como percebemos e lidamos com animais de companhia. Pedimos-lhe que leia com atenção todas as questões que lhe colocamos e que responda de forma sincera.

Não existem respostas certas ou erradas e, de acordo com as normas da Comissão Nacional de Proteção de Dados, as suas respostas são anónimas e confidenciais. A publicação dos dados que decorram deste estudo poderá ocorrer apenas em revistas científicas da especialidade.

Este questionário tem uma duração média de 15 minutos. Caso decida terminar a sua participação antes de concluir o questionário, basta fechar a janela do seu browser e as suas respostas não serão gravadas. Neste caso, a sua participação ficará invalidada e não será considerada na base de dados final.

Antes de iniciar, confirme a seguinte informação:

1. Estou consciente de que a minha participação é voluntária e posso interromper em qualquer momento, simplesmente fechando a página
2. As minhas respostas são anónimas e ninguém poderá aceder à minha identidade
3. As minhas respostas serão utilizadas exclusivamente para investigação e acedidas apenas pelos investigadores envolvidos no projeto
4. Sou maior de idade (tenho idade igual ou superior a 18 anos)

Anexo B – Itens Escala de Atitudes face a Animais de Companhia

1. Gosto muito de ver animais de companhia a disfrutar da sua comida.
2. O meu animal de companhia significa mais para mim do que qualquer dos meus amigos (ou significaria se eu tivesse um).
3. Eu gostaria de ter ou de continuar a ter um animal de companhia em minha casa.
4. Ter animais de companhia é um desperdício de dinheiro.
5. Animais de companhia trazem alegria à minha vida (ou trariam se tivesse um).
6. Eu acho que os animais de companhia devem sempre ser mantidos no exterior.
7. Eu passo tempo todos os dias a brincar com o meu animal de companhia (ou passaria se tivesse um).
8. Por vezes comuniquei com o meu animal de companhia e compreendi o que estava a tentar exprimir (ou compreenderia se tivesse um).
9. O mundo seria um local melhor se as pessoas parassem de gastar tanto tempo a cuidar dos seus animais de companhia e começassem a cuidar mais de outros seres humanos.
10. Eu gosto de alimentar animais à mão.
11. Eu adoro animais de companhia.
12. Os animais pertencem ao meio selvagem ou aos jardins zoológicos, mas nunca a uma casa.
13. Se mantiver animais em casa, posso esperar muitos danos na mobília.
14. Eu gosto de animais domésticos.
15. Os animais são divertidos, mas não compensam o trabalho que se tem com eles.
16. Eu falo frequentemente com o meu animal de companhia (ou falaria se tivesse um).
17. Eu odeio animais.
18. Eu trato os animais de companhia com tanto respeito quanto trato um membro humano da minha família.

Anexo C – Itens Escala do Modelo de Investimento da *Rusbult*

1. Sinto-me satisfeito/a com o relacionamento com o meu animal de companhia.
2. O relacionamento com o meu animal de companhia é muito melhor do que os relacionamentos de outras pessoas com os seus animais de companhia.
3. O relacionamento com o meu animal de companhia preenche as minhas necessidades de intimidade, companhia / companheirismo, etc.
4. O relacionamento com o meu animal de companhia está próximo do que eu considero ser ideal para mim.
5. O relacionamento com o meu animal de companhia faz-me muito feliz.
6. Outros animais de companhia que poderia ter (que não o meu animal de companhia actual) são muito apelativos para mim.
7. Se não estivesse com o meu animal de companhia actual estaria bem, pois encontraria outro animal com o qual me poderia relacionar.
8. As alternativas ao relacionamento com o meu animal de companhia são próximas do que eu considero ser ideal para mim (passar tempo com amigos, estar sozinho/a, etc.).
9. As alternativas ao relacionamento com o meu animal de companhia são atraentes para mim (passar tempo com amigos, estar sozinho/a, etc.).
10. As minhas necessidades de intimidade, companhia, etc., poderiam ser facilmente preenchidas através de um relacionamento com outro animal de companhia que não o meu.
11. Eu investi tanto no relacionamento com o meu animal de companhia que acabaria por perder tudo se este relacionamento terminasse.
12. Vários aspetos da minha vida encontram-se ligados ao meu animal de companhia (atividades recreativas, etc.) e eu perderia tudo isto caso o este relacionamento terminasse.
13. Sinto-me muito/a envolvido/a no relacionamento com o meu animal de companhia, uma vez que fiz grandes investimentos nele.
14. Os meus relacionamentos com amigos e família tornar-se-iam mais complicados se o relacionamento com o meu animal de companhia terminasse (p.e., os meus amigos e família gostam muito do meu animal de companhia).

15. Em comparação com outras pessoas que conheço, eu investi bastante no relacionamento com o meu animal de companhia.

16. Desejo que o relacionamento com o meu animal de companhia dure por muito tempo.

17. Estou comprometido/a a manter o relacionamento com o meu animal de companhia.

18. Não ficaria muito aborrecido se o relacionamento com o meu animal de companhia terminasse num futuro próximo.

19. Durante o próximo ano, é provável que venha a ter outros animais de companhia para além do que tenho actualmente.

20. Sinto-me muito apegado ao relacionamento que tenho com o meu animal de companhia.

21. Desejo que o relacionamento com o meu animal de companhia dure para sempre.

22. Estou motivado/a para que o relacionamento com o meu animal de companhia tenha um futuro a longo termo (por exemplo, imagino estar com o meu animal de companhia daqui a vários anos).

Anexo D – Itens Escala de Emoções Gerais face aos Animais de Companhia

1. ...raiva
2. ...medo
3. ...surpresa
4. ...alegria / felicidade
5. ...tristeza
6. ...ansiedade
7. ...repulsa
8. ...interesse
9. ...amor / afecto
10. ...curiosidade
11. ...empatia
12. ...vergonha
13. ...orgulho
14. ...dor
15. ...culpa
16. ...ciúme
17. ...embaraço

Anexo E – Itens Escala de Mau Trato contra Animais + Questionário de Levantamento de Atitudes em relação ao Tratamento de Animais

1. Nunca maltrataria um animal de companhia.
2. Nunca maltrataria um animal de companhia, dando-lhe pontapés, puxando-lhe a cauda ou as orelhas.
3. Nunca maltrataria um animal de companhia, não o deixando dormir ou removendo-lhe a comida enquanto se alimenta.
4. Eutanasiar um animal de companhia, uma vez que o seu dono é incapaz de tomar conta dele (por exemplo, o dono está doente).
5. Causar sofrimento intencionalmente a um animal de companhia.
6. Causar sofrimento intencionalmente a um animal de companhia, exclusivamente por razões de treino.
7. Ter contactos sexuais com o animal de companhia.
8. Utilizar o animal de companhia em investigação que lhe pode causar sofrimento, doença ou morte.
9. Não proporcionar cuidados médicos a um animal de companhia que está, claramente, ferido ou doente.
10. Deixar um animal de companhia na rua sem abrigo por mais de 24 horas.
11. Deixar um animal de companhia num carro, com janelas fechadas.
12. Encorajar intencionalmente um animal de companhia a lutar com outros animais.

Anexo F – Output SPSS Mediação Condicionada

Model : 59
 Y : abuso_ma
 X : gatp_ger
 M : Compromi
 W : emo_g

Sample
 Size: 845

OUTCOME VARIABLE:
 Compromi

Model Summary

	R	R-sq	MSE	F	df1	df2	p
	.6462	.4176	.4507	200.9972	3.0000	841.0000	.0000

Model

	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	.0196	.0237	.8302	.4067	-.0268	.0661
gatp_ger	.7487	.0352	21.2523	.0000	.6795	.8178
emo_g	.0519	.0210	2.4740	.0136	.0107	.0931
Int_1	-.1066	.0279	-3.8142	.0001	-.1614	-.0517

Product terms key:

Int_1 : gatp_ger x emo_g

Test(s) of highest order unconditional interaction(s):

	R2-chng	F	df1	df2	p
X*W	.0101	14.5482	1.0000	841.0000	.0001

Focal predict: gatp_ger (X)
 Mod var: emo_g (W)

Conditional effects of the focal predictor at values of the moderator(s):

emo_g	Effect	se	t	p	LLCI	ULCI
-1.1344	.8696	.0414	20.9955	.0000	.7883	.9509
.0000	.7487	.0352	21.2523	.0000	.6795	.8178
1.1344	.6278	.0527	11.9144	.0000	.5243	.7312

DATA LIST FREE/

```
gatp_ger emo_g Compromi .
BEGIN DATA.
-.6946 -1.1344 -.6433
.0000 -1.1344 -.0392
.6946 -1.1344 .5648
-.6946 .0000 -.5004
.0000 .0000 .0196
.6946 .0000 .5397
-.6946 1.1344 -.3575
.0000 1.1344 .0785
.6946 1.1344 .5146
END DATA.
```

GRAPH/SCATTERPLOT=

gatp_ger WITH Compromi BY emo_g .

OUTCOME VARIABLE:
 abuso_ma

Model Summary

	R	R-sq	MSE	F	df1	df2	p
	.2827	.0799	.3472	14.5726	5.0000	839.0000	.0000

Model

	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	1.2908	.0208	61.9800	.0000	1.2499	1.3317
gatp_ger	-.1670	.0386	-4.3295	.0000	-.2427	-.0913
Compromi	-.0697	.0316	-2.2070	.0276	-.1317	-.0077
emo_g	-.0146	.0185	-.7911	.4291	-.0510	.0217
Int_1	-.0822	.0307	-2.6806	.0075	-.1424	-.0220
Int_2	.0441	.0221	1.9917	.0467	.0006	.0875

Product terms key:

Int_1 : gatp_ger x emo_g
 Int_2 : Compromi x emo_g

Test(s) of X by M interaction:

	F	df1	df2	p
	8.4725	1.0000	838.0000	.0037

Test(s) of highest order unconditional interaction(s):

	R2-chng	F	df1	df2	p
--	---------	---	-----	-----	---

```

X*W      .0079      7.1854      1.0000      839.0000      .0075
M*W      .0044      3.9667      1.0000      839.0000      .0467

```

```

-----
Focal predict: gatp_ger (X)
Mod var: emo_g (W)

```

Conditional effects of the focal predictor at values of the moderator(s):

emo_g	Effect	se	t	p	LLCI	ULCI
-1.1344	-.0737	.0477	-1.5445	.1228	-.1674	.0200
.0000	-.1670	.0386	-4.3295	.0000	-.2427	-.0913
1.1344	-.2602	.0558	-4.6617	.0000	-.3698	-.1507

DATA LIST FREE/

```

gatp_ger  emo_g      abuso_ma  .
BEGIN DATA.
-.6946    -1.1344    1.3586
.0000     -1.1344    1.3074
.6946     -1.1344    1.2562
-.6946     .0000     1.4068
.0000     .0000     1.2908
.6946     .0000     1.1748
-.6946     1.1344    1.4549
.0000     1.1344    1.2742
.6946     1.1344    1.0934

```

END DATA.

GRAPH/SCATTERPLOT=

```

gatp_ger WITH      abuso_ma BY      emo_g  .
-----

```

```

Focal predict: Compromi (M)
Mod var: emo_g (W)

```

Conditional effects of the focal predictor at values of the moderator(s):

emo_g	Effect	se	t	p	LLCI	ULCI
-1.1344	-.1197	.0343	-3.4922	.0005	-.1870	-.0524
.0000	-.0697	.0316	-2.2070	.0276	-.1317	-.0077
1.1344	-.0197	.0456	-.4320	.6658	-.1092	.0698

DATA LIST FREE/

```

Compromi  emo_g      abuso_ma  .
BEGIN DATA.
-.8782    -1.1344    1.4125
.0000     -1.1344    1.3074
.8782     -1.1344    1.2023
-.8782     .0000     1.3520
.0000     .0000     1.2908
.8782     .0000     1.2296
-.8782     1.1344    1.2915
.0000     1.1344    1.2742
.8782     1.1344    1.2569

```

END DATA.

GRAPH/SCATTERPLOT=

```

Compromi WITH      abuso_ma BY      emo_g  .
-----

```

***** DIRECT AND INDIRECT EFFECTS OF X ON Y *****

Conditional direct effect(s) of X on Y:

emo_g	Effect	se	t	p	LLCI	ULCI
-1.1344	-.0737	.0477	-1.5445	.1228	-.1674	.0200
.0000	-.1670	.0386	-4.3295	.0000	-.2427	-.0913
1.1344	-.2602	.0558	-4.6617	.0000	-.3698	-.1507

Conditional indirect effects of X on Y:

INDIRECT EFFECT:

```

gatp_ger  ->      Compromi  ->      abuso_ma

```

emo_g	Effect	BootSE	BootLLCI	BootULCI
-1.1344	-.1041	.0448	-.1956	-.0201
.0000	-.0522	.0317	-.1160	.0077
1.1344	-.0124	.0419	-.0995	.0666

Pairwise contrasts between conditional indirect effects (Effect1 minus Effect2)

Effect1	Effect2	Contrast	BootSE	BootLLCI	BootULCI
-.0522	-.1041	.0519	.0354	-.0192	.1214
-.0124	-.1041	.0917	.0611	-.0306	.2105
-.0124	-.0522	.0398	.0259	-.0116	.0918